



Jaime Ribeiro

Morreu, com 93 anos, Jaime Lima Ribeiro. Foi um dos fundadores do PSD e foi também o fundador do jornal Encontro

07

Edition

F R A N C E



Banque BCP

Suivez-nous sur



Batista de Matos recebeu a Medalha de cidade de Fontenay

Foi-lhe entregue pelo antigo Maire de Fontenay-sous-Bois

06

03

Angola.

O Presidente de Angola, João Lourenço, visitou Paris, foi recebido pelo Presidente Emmanuel Macron e quer que Angola adira à Francofonia

09

Stalking.

António Manuel Ribeiro, o vocalista dos UHF, veio a Paris para uma intervenção da Sorbonne Nouvelle sobre "stalking", de que foi vítima

10

Greve.

Uma parte dos trabalhadores da Sucursal de França da Caixa Geral de Depósitos continua em greve e a situação parece bloqueada

13

Cinema.

O filme "Kuzola, le chant des racines" realizado por Hugo Bachelet durante a gravação do álbum de Lúcia de Carvalho, sai nos cinemas no dia 20 de junho



Embaixador de Portugal quer relações "mais complexas" com França

Entrevista ao Embaixador Jorge Torres Pereira

04

LusoJornal / Carlos Pereira

• PUB



VEZES DÉCOUVRIR
NOS SOLUTIONS D'ASSURANCE
POUR ENTREPRISES

FIDELIDADE
ENTREPRISES

Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A. - Siège : Largo do Calhariz, 30 1249-001 Lisboa - Portugal - NIPC e Matricula 500 918 880, CRC Lisboa - Capital Social 381.150.000 €
Succursale de France : 29, boulevard des Italiens - 75002 Paris - RCS Paris B 413 175 191 - Tél. 01 40 17 67 20 - Fax : 01 40 17 67 29 - www.fidelidade.fr - crédits photo : Fotolia

Pergunta dos leitores

Pergunta:

Caro Diretor,
[...] O LusoJornal é distribuído nas agências da Caixa Geral de Depósitos e por isso leio-o há vários anos para cá. Parabéns. Convosco sinto-me mais informado sobre coisas da Comunidade portuguesa. [...] Mas na questão da greve da CGD o vosso jornal optou por dar apenas a opinião de uma das partes, a dos grevistas. Sabem que há muitos empregados que não estão em greve? E se ouvissem os dois Sindicatos que não fizeram greve? [...] Espero que a vossa maneira de tratar este assunto mude.

Leitor identificado
(mail)

Resposta:

Caro leitor,
Obrigado pelos comentários que faz sobre o LusoJornal.
Efetivamente o LusoJornal deu bastante destaque aos grevistas da CGD. E tinha de dar. Trata-se de gente que está a sacrificar o seu próprio salário, para obter melhores condições de trabalho. Não somos nós que devemos julgar, se as reivindicações são justificadas ou não. Mas se não falarmos destes assuntos, do que haveríamos de falar? Mas a nossa forma de trabalhar sempre foi a de dar a palavra a todas as partes do conflito. Na última edição do LusoJornal publicámos uma grande entrevista ao Diretor Geral da Sucursal, que dá também a opinião da Administração sobre este conflito. E nesta edição fazemos um ponto geral da situação, incluindo as opiniões dos Sindicatos não grevistas, até porque começámos a receber também os comunicados que emittem. E é assim que deve ser. O LusoJornal não tem de achar que uns fazem bem em fazer greve e que os outros fazem mal em ir trabalhar. Nem tem de estar a favor da Administração, nem contra os funcionários do banco. Devemos informar, ouvindo o contraditório. Nem sempre conseguimos fazer um bom trabalho, mas tentamos sempre, acredite, manter neutralidade. Obrigado pela sua fidelidade e espero que o LusoJornal continue a chegar aos leitores das agências da Caixa Geral de Depósitos.

Carlos Pereira,
Diretor do LusoJornal

Envie as suas perguntas para:
contact@lusojornal.com



Opinião de David Leite, Adido Cultural da Embaixada de Cabo Verde em França

Um Memorial aos nossos antepassados escravos - mais um recado -

1. Crime contra a humanidade

No passado dia 10 de maio, tive o privilégio de participar em mais uma cerimónia comemorativa da abolição da escravatura em França.

170 anos volvidos sobre o decreto de abolição (27 abril de 1848), a França vive em paz com o seu passado escravagista porque teve a coragem de o reconhecer e assumir num honroso gesto de mea culpa: em 10 de maio de 2001 era votada no Palais Bourbon (sede do Parlamento) a lei nº 2001-434, ou lei Taubira (de Christiane Taubira, Deputada pela 1ª Circunscrição da Guiana francesa que pleiteou o projeto). Ainda por decisão parlamentar, o dia 10 de maio passou a ser, a contar de 2006, «la Journée commémorative du souvenir de l'esclavage et de son abolition».

Tenho orgulho em residir numa terra que esteve sempre na vanguarda da história universal, a primeira de entre as nações a gravar a escravidão e o tráfico negreiro no mármore dos crimes contra a humanidade.

Não o fez Portugal, pioneiro da transatlantização do tráfico. Nenhuma declaração universal nas Nações Unidas, que por diversas vezes condenou o trabalho e o comércio escravos!

Do mundo arabo-muçulmano não era de esperar, aliás subsistem escassos vestígios humanos desse passado tenebroso em que escravos varões eram emasculados, reduzidos a eunucos, privados de descendência!

Tão-pouco partiu da Espanha ou da Holanda uma condenação da escravidão enquanto «crime contra a humanidade»... nem mesmo do Reino Unido, outro grande campeão do execrando quão lucrativo comércio triangular, mais tarde paladino da abolição por razões mercantis mais do que humanitárias. Se a revolução industrial foi uma etapa importante no caminho da abolição, é porque no país das usinas e da navegação a vapor, o mais importante, no século XIX, era assegurar o escoamento da sua produção. Importava igualmente travar o fluxo de mão de obra escrava em direcção aos Estados Unidos e outras nações recém-independentes das Américas, por conseguinte a sua economia, para não se armarem em concorrentes no mercado mundial!

A porta da liberdade foi-se entreabrindo à medida que o mundo capitalista realizava que sustentar um escravo custava mais caro do que remunerar um operário!

2. A memória ao serviço da história

Hoje, a memória da servidão e do tráfico negreiro emerge - deve emergir - da penumbra, não para alimentar rancores e ressentimentos porque a escravatura não têm raça nem cor.

Se um processo fosse possível, era a humanidade inteira a prestar contas no banco dos réus! Seria um processo



planetário.

A memória da servidão deve emergir sim, não para cobrança de uns sobre os outros, mas para melhor compreender a história e exorcizar fantasmas do passado.

Em França essa memória recebeu 'droit de cité' em 10 de maio de 2001.

Mas a memória será vã, e com ela as declarações, se a humanidade não agir pelos homens e mulheres de condição servil que em pleno século XXI ainda sofrem às mãos dos que os trazem cativos. A servidão só foi abolida no Paquistão em 1992! Foi proibida no Níger em... 2003!!! Ainda hoje se fala de práticas escravagistas na Mauritânia e no Sudão.

A humanidade, se não agir, perde a face!

3. Uma realização com parcerias público-privadas...

E nós, Caboverdeanos, que seria feito da nossa memória escravocrata se não fossem uns historiadores e pesquisadores abnegados e laboriosos, remunerados uns, diletantes outros?

Retomando aqui um recado que enviei há tempos para quem quisesse ouvir, volto a perguntar: «quem se lembrou, até hoje, de erigir um memorial ao nosso antepassado escravo que construiu esta nação? Quem decretou um dia de memória ou de reflexão?»

Se eu tivesse algum voto na matéria,

quem sabe a pergunta tivesse encontrado algum eco. Talvez, em algum Gabinete camarário ou no Ministério da Cultura, andasse alguém a reflectir num memorial para assinalar ao mundo que também somos uma nação caldeada nas agruras da servitude... mas uma nação livre de complexos, em paz consigo própria, com a sua história e com o mundo. E que bela mensagem enviaríamos nós ao mundo!

Uma estela, uma estátua, um obelisco? Seja lá o que for, imagino um memorial de grande envergadura e atractividade turística, na Cidade Velha ou na capital do país. Vejo-o elevando-se (por exemplo) do ilhéu de Santa Maria, integrado na requalificação daquele espaço que será a porta de entrada da cidade da Praia.

Verbas, recursos? Não vejo essa realização a depender unicamente dos nossos impostos! Vejo-a, isso sim, tributária de parcerias público-privadas. Por exemplo, com o promotor estrangeiro que obteve a concessão do ilhéu. Acreditado que ele teria a ganhar com a visibilidade e a atratividade turística do memorial.

E o que é que ganharíamos, nós-ou-tros? A mesma coisa que David Shaw, e mais um bónus: uma marca NOSSA no ilhéu. Vá lá isso, para não ser visto como um «enclave» estrangeiro às portas da capital!

4. ou com recurso à UNESCO

Também vejo com bons olhos uma parceria com a UNESCO. Com a Cidade Velha inscrita na Lista do Património Mundial, a UNESCO não haveria de regatear apoio a um projeto de alcance universal, nem faltariam argumentos para convencê-la. Senão, vejamos:

Falar da Cidade Velha, é falar do tráfico negreiro desde os finais do século XV, quando a tristemente célebre ilha de Goré ainda não estava no circuito transatlântico.

É falar do encontro de povos de díspares origens que nas nossas ilhas iniciaram, desde 1462, uma aventura humana jamais vista: a síntese de dois mundos e suas múltiplas culturas no meio do Atlântico!

É falar da Rota do Escravo, projecto transnacional adoptado pela UNESCO na conferência-geral de 1993 (sob proposta do Haiti e do Benim).

Ademais, devemos ser dos raros países com quem a UNESCO insiste para apresentar projetos e reclamar financiamento. A UNESCO pede-nos para pedirmos, acreditem!... E o património é o melhor pretexto.

Este «recado» cairá em orelhas moucas.

Infelizmente no nosso país, não se dá ouvidos a quem não tem voto no Sistema. Ideias próprias, opinião crítica, chega para lá! Para que viva o Sistema, perde o país...

Mas mais um recadinho, não custa nada.

➔ En charge de la de la Jeunesse, de la Petite Enfance, Santé et Handicap

Pedro Ribeiro Capitão devient Maire-Adjoint de Chilly-Mazarin

Par Carlos Pereira

Pedro Ribeiro Capitão vient d'être nommé, lors de la dernière séance du Conseil municipal, Maire-Adjoint de Chilly-Mazarin en charge de la Jeunesse, de la Petite Enfance, Santé et Handicap. Il remplace Olivier Bouché, désormais en charge des Finances.

«Je reçois cette écharpe tricolore avec beaucoup de fierté mais aussi beaucoup d'humilité» a dit Pedro Capitão lors de son investiture, quand il a reçu l'écharpe tricolore des mains du Maire Jean-Paul Beneytoy, également Président délégué de la Communauté Paris-Saclay. «Cette écharpe représentant les symboles de notre République - Liberté, Égalité, Fraternité - auquel je suis profondément attaché».

Pedro Capitão était déjà Conseiller Municipal délégué à la Santé et à l'Handicap.

Recevoir cette délégation «me fait prendre conscience, à ce stade de



notre mandature, de l'ampleur de la tâche à accomplir, mais aussi de mes devoirs vis-à-vis de la population chiroquoise et particulièrement les plus jeunes, et tout ceux et celles qui vivent une situation d'handicap».

Le Conseil municipal a eu lieu le jeudi 24 mai, à 20h00. Et dans la liste de la Majorité, il y a également Laure Vieira, Conseillère Municipale déléguée aux Crèches et aux Assistantes Maternelles et Alexis dos Santos.

«C'est un Délégué dynamique de Cívica Essonne» explique au LusoJornal Paulo Marques, Président de Cívica, l'association des élus d'origine portugaise. «Son dévouement à son territoire est une chance pour la commune et l'équipe municipale. Je lui souhaite un bon mandat dans ses nouvelles délégations».

Originaire de Marinhass, Esposende, Pedro Capitão a terminé son allocution lors du Conseil municipal, avec des citations d'Antoine de Saint Exupéry et de Ghandi: «Pour ce qui est de l'avenir, il ne s'agit pas de le prévoir, mais de le rendre possible» et «Qu'importe que nous emprunions des itinéraires différents, pourvu que nous arrivions au même but».

Deux jours à peine après sa nomination, Pedro Capitão a fait sa première sortie «officielle» en tant que Maire Adjoint, samedi dernier, à l'Assemblée Nationale, à Paris, pour accompagner le Conseil municipal des enfants et quelques seniors de la ville.

Secretário de Estado das Comunidades da Guiné-Bissau quer mais guineenses na diáspora a votar

O Secretário de Estado das Comunidades da Guiné-Bissau, Queba Banjai, quer mais Guineenses na diáspora a votar nas eleições legislativas de novembro de 2018, porque há cada vez mais cidadãos emigrados. «No nosso entender seria uma oportunidade perdida do Governo não contemplar a maioria dos Guineenses que vivem na diáspora», afirmou.

Na Guiné-Bissau, as eleições legislativas elegem Deputados pelo círculo de África e círculo da Europa, mas não estão incluídos todos os países. No círculo de África, só podem votar os Guineenses que residem no Senegal, Gâmbia, Cabo Verde e Guiné-Conacri, enquanto no círculo da Europa há a possibilidade de voto para os Guineenses que vivem em Portugal, Espanha e França.

«Na verdade a mensagem que estamos a passar é que na Europa devia ser também incluídas a Inglaterra e a Alemanha. Há um grande número de Guineenses com residência fixa. E no círculo de África é Mauritânia e Angola», explicou Queba Banjai. Segundo o Secretário de Estado, a escolha daqueles países baseou-se também com a «realidade dos meios». Para sensibilizar as autoridades do país sobre este assunto, o Secretário de Estado manteve encontros nas últimas semanas com a Comissão Nacional de Eleições, com Gabinete Técnico de Apoio ao Processo Eleitoral e com a Ministra da Administração Territorial, entre outras entidades relacionadas diretamente ou indiretamente com os Guineenses a viver na diáspora.

«Este périplo visa a mobilização e sensibilização das autoridades competentes para que os Guineenses na diáspora não sejam preteridos dos seus direitos, que são direitos fundamentais», disse.

Destacamento de trabalhadores para o estrangeiro

França é o destino para onde foram emitidos mais pedidos de formulários de destacamento de trabalhadores para o estrangeiro, e a maioria dos trabalhadores são das áreas da indústria e construção, esta última com um aumento de pedidos em 2017, informou o vice-Presidente da Segurança Social, Gabriel Bastos.

Emmanuel Macron manifestou «todo o apoio» a reformas do Presidente angolano

O Presidente francês, Emmanuel Macron, manifestou na semana passada, em Paris, «todo o apoio às reformas iniciadas pelo Presidente» João Lourenço, no primeiro de três dias da visita oficial do Chefe de Estado angolano a França.

João Lourenço foi recebido no Palácio do Eliseu, onde almoçou com o seu homólogo francês, tendo ambos sublinhado, em conferência de imprensa, a vontade de reforçar as relações bilaterais. «Dou todo o meu apoio às reformas iniciadas pelo Presidente Lourenço. A luta contra a corrupção, a facilitação de vistos para os empresários, homens de negócios ou assalariados e a reforma do quadro do capital da economia que permite limitar os constrangimentos e abrir a economia angolana a parceiros, investidores e atores económicos estrangeiros, a meu ver vão na boa direção», afirmou Emmanuel Macron.

O Presidente francês destacou que esse é o caminho para «melhorar o crescimento do país, criar mais oportunidades e mais emprego e acelerar a diversificação da economia que é indispensável nos próximos meses e anos».

As declarações foram feitas após a assinatura de quatro acordos de cooperação no domínio da Defesa, da Agricultura, da Economia e da formação de quadros, acordos que, no entender de Emmanuel Macron, «vão levar a um maior empenho da França» em Angola.

Emmanuel Macron indicou, por exemplo, que na sequência de um acordo assinado em março, a Agência Francesa de Desenvolvimento vai investir, numa primeira etapa, 100 milhões de dólares no domínio da agricultura e vai dar uma subvenção de 500 mil euros para a identificação de novos projetos.



João Lourenço com a Diretora Geral da Unesco

Lusa / Carina Branco

João Lourenço quer Angola na Francofonia

O Presidente de Angola, João Lourenço, manifestou o interesse de Angola em ser membro da Organização Internacional da Francofonia e recebeu o apoio do seu homólogo francês, Emmanuel Macron.

«Reafirmar aqui a vontade de Angola em estreitarmos cada vez mais as nossas relações. Daí o facto de termos manifestado também o interesse em sermos membros, de alguma forma - ou como observadores ou membros de pleno direito - da Organização Internacional da Francofonia, pelo importante papel que esta organização joga no mundo, mas muito em particular no nosso continente em África», afirmou João Lourenço, em conferência de imprensa.

Emmanuel Macron declarou-se «muito sensível» e agradeceu a João Lourenço, no início e no final da sua intervenção, por «ter escolhido França para primeiro

destino na Europa desde a sua eleição», sublinhou «o prazer e a honra de o receber hoje» e afirmou que espera continuar a aprofundar as relações e a trabalhar» em conjunto.

«Quero agradecer por ter decidido ter um papel acrescido na francofonia - você percebe perfeitamente francês - e espero que, no âmbito das ambições para a francofonia que temos todos, o seu país possa ter o seu lugar pleno», afirmou o Chefe de Estado francês.

Visita oficial passou por Toulouse

João Lourenço começou a visita oficial a França, tendo-se deslocado à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), onde foi recebido pela Diretora Geral da instituição, Audrey Azoulay.

Depois, o Presidente angolano esteve no Museu Militar - Hôtel National des Invalides, onde decorreram as cerimónias oficiais de boas-vindas, com os hinos nacionais dos dois países e na presença do ministro da Agricul-

tura francês, Stéphane Travert, do Governador militar de Paris e da delegação oficial angolana.

João Lourenço deslocou-se à Assembleia Francesa, onde foi recebido pelo Presidente do Parlamento, François de Rugy.

Depois, dirigiu-se ao MEDEF Internacional, onde estava prevista a assinatura de acordos entre as petrolíferas Sonangol e Total, assim como um encontro com cerca de 80 empresários franceses e 20 angolanos, e, no final do dia, foi à Embaixada de Angola em França.

O Presidente de Angola foi a Toulouse visitar as fábricas da ATR e da Airbus e o Liceu Agrícola e o Instituto Nacional de Pesquisa Agronómica, em Auzeville, a Cooperativa Agrícola Arterris, em Castelnau-d'Aud. Depois encontrou-se com uma representação da Comunidade angolana residente em França.

O programa fechou novamente em Paris com uma entrevista coletiva à revista económica Valeurs Actuelles e aos jornais Le Monde e Le Figaro e uma entrevista ao canal de televisão Euronews.

Entrevista

Embaixador Torres Pereira gostava de sair de Paris «com uma relação mais complexa» entre a França e Portugal

Por Carlos Pereira

Jorge Torres Pereira, o Embaixador de Portugal em França, apresentou Cartas Credenciais ao Presidente francês Emmanuel Macron em dezembro de 2017 e deu agora a primeira grande entrevista ao LusoJornal, depois de ter primeiro contactado as várias vertentes da Comunidade portuguesa de França. Jorge Torres Pereira tem 61 anos, foi Embaixador de Portugal na República Popular da China (2013-2017), antes de vir para Paris, em Bangueroque (2010-2013), foi Representante Permanente na Comissão Económica e Social para a Ásia e Pacífico e na Comissão Económica e Social das Nações Unidas para a Ásia e o Pacífico e Embaixador não-residente no Vietname, Cambodja, Laos, Myanmar (antiga Birmânia) e Malásia.

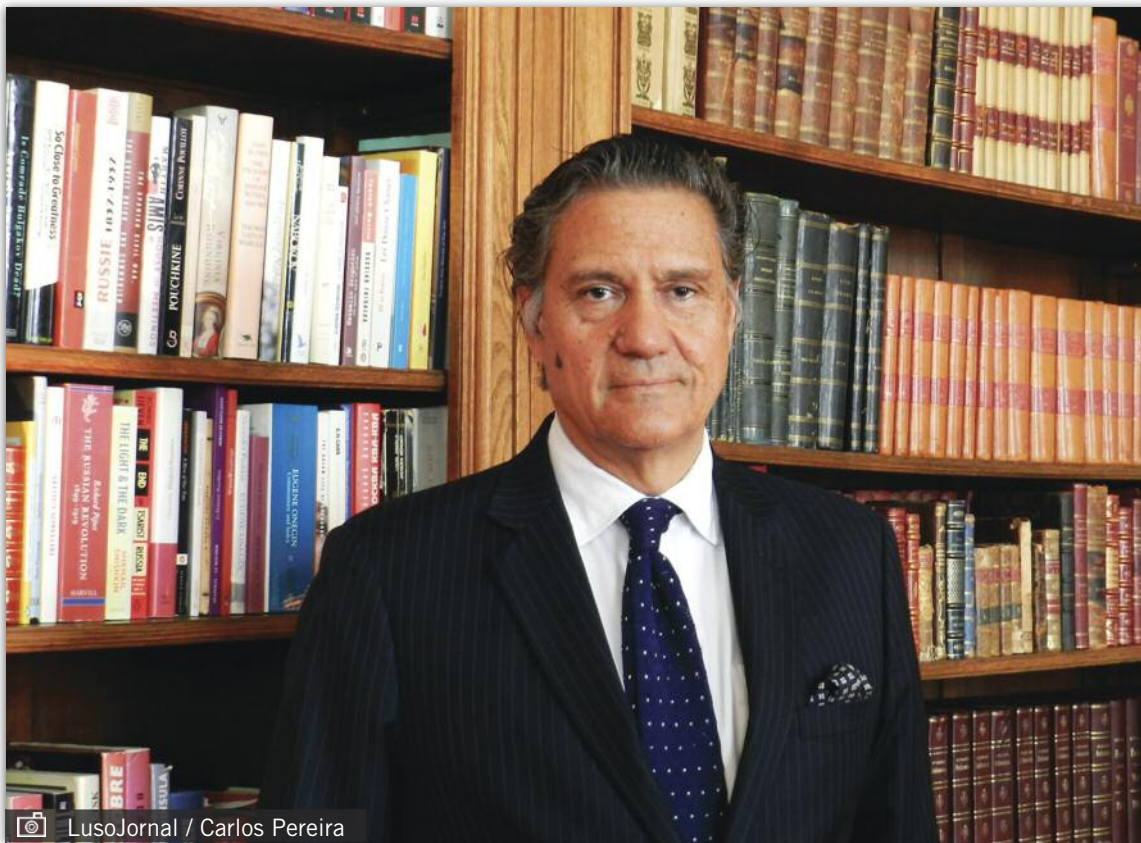
Jorge Torres Pereira desempenhou, também, os cargos de Representante de Portugal junto da Autoridade Palestiniana, em Ramallah (2007-2010), Cônsul-geral em Madrid (2004-2007), Ministro-Conselheiro e Chefe de Missão Adjunto na Embaixada de Portugal em Moscovo (2001-2004) e Conselheiro e Chefe de Missão Adjunto na Embaixada de Portugal em Telavive (1995-1997), entre outras funções diplomáticas.

Em França reside uma forte Comunidade portuguesa. Como entende levar a cabo a sua missão? Tenciona integrar esta dimensão da Comunidade nas relações bilaterais?

Eu acho que a Comunidade portuguesa é um fator de aceleração, de facilitação, de muitas coisas que implica a relação bilateral. Por exemplo, nós queremos investimento ou queremos uma maior dinamização das relações económicas, e é evidente que o empresariado português na diáspora é um fator positivo e é um ativo, é um trunfo que é preciso ter em conta. Nós falamos da importância da diplomacia das cidades e de como as geminações são importantes, e é evidente que as geminações têm sempre que ter em linha de conta essa dimensão. É natural que algumas das cidades ou terras que estejam mais interessadas em terem contactos com Portugal, sejam aquelas onde já há uma semente da presença da Comunidade portuguesa. Eu acho que o importante é introduzir o elemento Comunidade portuguesa em tudo o que nós fazemos. Não quer dizer que todos os processos tenham de ter uma componente ou um 'input' que tem a ver com a presença da Comunidade portuguesa, mas tê-lo sempre presente no nosso espírito.

Como estão então as relações entre a França e Portugal?

Eu penso que é importante sublinhar que estamos num momento particularmente feliz do nosso relacionamento bilateral. Como sabe, em França existe um dinamismo relativamente ao projeto europeu que é protagonizado pelo Presidente Macron. Por ser uma pessoa nova e cheia de força anímica, trouxe ao debate europeu uma espécie de doping. E como sabe, o Governo português é, no panorama europeu,



LusoJornal / Carlos Pereira

um dos que tem também uma ambição para a integração europeia. Junhando isso ao facto de, como sabe, os fluxos de turistas franceses e de investimento francês em Portugal terem aumentado muito significativamente nos últimos anos, nós estamos atualmente numa perfeita tempestade mas benéfica, isto é, todos os elementos estão a contribuir de uma forma vigorosa e positiva para a densificação das nossas relações. Eu acho que o panorama geral é claramente de grande potencial, de grande dinamismo, de céu com muitas poucas nuvens.

E que nuvens são essas?

Não são propriamente problemas, mas há questões que são importantes para nós, como é o caso das conexões energéticas entre a península ibérica e a França que será um dos aspetos, digamos estruturais, que terão um impacto muito positivo no futuro. Temos a questão de ainda não termos conseguido verdadeiramente alterar o paradigma relativo à língua portuguesa, à forma como em França se encara a língua portuguesa. Estamos ainda a viver os anos finais da ideia da língua portuguesa como língua de uma comunidade migrante, quando o peso e a força da lusofonia, a importância da língua portuguesa como veículo de economia, de negócios, é bem mais importante. Ainda não conseguimos verdadeiramente ter o sucesso que é necessário. Não escoramos o facto de nós termos de aumentar muito significativamente a aprendizagem do português nos filhos dos lusodescendentes. Os números que nós temos são muito pequenos em relação à dimensão da população em causa, embora se possa dizer que a aprendizagem do português também é feita em casa, sem recorrer à escolaridade, mas em todo o caso, o grande intervalo que existe entre o universo potencial dos jovens portugueses e lusodescendentes e os números dos que estão a frequentar escolas, há um diferencial muito grande, mas esse é um

problema que, digamos, nos diz respeito a nós enquanto portugueses e aos nossos compatriotas que aqui estão. É necessário que eles não percam o reflexo de falarem português e de conhecerem a cultura portuguesa. Mas um problema distinto é conseguir ter o português como língua internacional ou como terceira língua. Os jovens franceses vão sistematicamente para o espanhol, por ser mais fácil para eles, ou para o alemão porque acham que tem uma importância particular no atual quadro europeu, ou para o italiano por outras razões, mas nós temos ficado um bocadinho para trás nessa escolha porque ainda não conseguimos transmitir a importância daquilo que vai ser a língua portuguesa no futuro, o trunfo que pode ser em relação a ingressar no mercado de trabalho quando se tem essa competência do português. Isso ainda não conseguimos. É uma questão de promoção sistemática, constante.

Estamos presos a um acordo bilateral em matéria de ensino, que data de antes do 25 de Abril, que diz que Portugal paga o ensino de português no primário e a França no secundário. Como Portugal tem vindo a reduzir o número de professores em França, a França também não vai aumentar, não é? Não é necessário fazer um novo acordo bilateral?

Neste momento, eu acho que não é o quadro jurídico ou de relacionamento entre os dois Estados sobre esta questão que esteja em falta, até porque houve uma alteração significativa com um protocolo recente e a grande transformação - que é quase um tsunami - que é deixarmos de olhar para a aprendizagem do português como sendo uma aprendizagem no gueto e passar a ser dentro do quadro do sistema de ensino francês...

Na prática não tem mudado praticamente nada nas escolas...

Mas é diferente, porque onde nós

temos de ter uma visão de futuro é que a língua portuguesa interesse aos jovens franceses, não porque são descendentes de portugueses, mas porque na competição saudável entre as línguas, na diversidade linguística que todos nós defendemos, no plurilinguismo que é uma das marcas da União Europeia, o português tenha o papel que nós achamos que deve ter. No final do século, quase meio bilião de pessoas falarão português graças à demografia em África e no Brasil.

Precisamente o Brasil... Não era importante ter os outros países lusófonos como parceiros nesta luta pela afirmação da língua portuguesa em França?

Nós consideramos como parceiros os diferentes países lusófonos. Aliás fazemos este esforço de comemoração do 5 de maio, do dia da língua portuguesa. Nós sentimos que estamos todos verdadeiramente a remar para o mesmo lado. Acho que já passou o tempo, aqui há umas décadas atrás, em que havia umas espécies de incompreensões e umas perspetivas exclusivistas, mas eu acho que é evidente que nós só temos é que saudar o papel que todos os países lusófonos possam dar para o sublinhar da importância deste bem comum.

Bem, mas na prática, o Brasil não tem contribuído, por exemplo, para as Secções internacionais de português, mas recentemente abriu uma Secção «brasileira» nos arredores de Paris. Faz bando à parte...

Apesar de tudo, a conclusão que é preciso ter presente, é que todos os esforços que se façam no sentido de aprender português, sejam lá de onde eles venham, até das associações - a sociedade civil pode organizar-se para ter aulas - são positivos. Independentemente de Portugal estar a fazer o seu trabalho em articulação com o sistema francês, e a tentar fazer progredir os números em relação à oferta de ensino de português. Todos os esforços vão no

sentido daquilo que eu estou a dizer, haver uma maior tomada de consciência na população em França da importância da língua portuguesa.

Voltando à primeira pergunta. Sendo que os Ministros dos dois países se reúnem regularmente em Bruxelas, considera que se justifica ainda haver Embaixadas no seio da União Europeia?

Esta discussão intensificou-se agora que as comunicações se tornaram mais fáceis. Eu diria que é como a história dos livros. O anúncio da morte próxima do livro físico tem sempre vindo a ser contrariada pela realidade. A notícia da morte eminente da diplomacia ou das Embaixadas clássicas também tem vindo a ser contrariada. Há décadas que é anunciada mas eu notaria uma opinião exatamente oposta. Quando a multiplicação e a facilitação do acesso à informação disparou exponencialmente, o que é importante é que alguém consiga, no meio desse caudal de informação, tratar essa informação, digeri-la na perspetiva da diplomacia. O que interessa aqui na Embaixada é chamar a atenção do que é verdadeiramente importante, aos leitores em Portugal: o Governo e a maquinaria do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Esse tratamento, feito por quem está no terreno, permite separar no meio de uma quantidade que já é, como calcula, enorme - todos os think-thanks, todos os media, todos os relatórios, todas as instituições que produzem informação, e ela circula, como sabe, de forma rapidíssima - mas cada vez é mais importante ser capaz de identificar o que é verdadeiramente importante para ser útil ao funcionamento do Estado.

Não me referia, claro, ao fim da diplomacia! Mas, por exemplo, foi Embaixador na China. Considera ainda importante haver uma Embaixada portuguesa, uma Embaixada espanhola, uma francesa, uma alemã,... em Pequim? Quando poderia haver uma Embaixada comum a todos os países da UE. Ainda há muito a fazer na diplomacia europeia?

Sim. O substituir-se as expressões nacionais e as Embaixadas bilaterais, por uma Embaixada que nos representasse a todos, não está na ordem do dia nos próximos tempos. A minha experiência de Pequim é que há uma necessidade de todos terem uma melhor de coordenação, isto é, o papel da Delegação da UE é extremamente importante para fazer a coordenação entre nós todos, os Chefes de missão, os Conselheiros de saúde, da agricultura, da inovação e ciência,... mas em cada um desses quadros de coordenação é necessário um 'input' nacional. O serviço europeu de ação externa tem vocação para ser o produto final para o exterior, para terceiros, em relação à política externa, mas, apesar de tudo, continua a haver os produtores de política externa, em cada um dos países, com os seus interesses próprios, com as suas ideias. A ideia do projeto europeu é o de uma concertação e de uma harmonização crescentes, mas ainda não nos definimos em relação ao que se vai passar

quando já tivermos atingido níveis de harmonização e de concertação muito estreitos.

A diplomacia europeia necessita de alguns anos mais...
Eu diria décadas.

Em França há cerca de 4.500 autarcas de origem portuguesa. Esta Embaixada já organizou, pelo passado, encontros nacionais de autarcas de origem portuguesa. Tem algum plano de diálogo com esta gente?

Sim. Em relação à Comunidade portuguesa, há três aspetos que tenho pensado mais atentamente. Um é claramente o da língua, o outro é o da Comunidade empresarial portuguesa e o seu relacionamento entre Portugal e a França como facilitação de investimentos. Ainda há poucos dias estive no Salão do imobiliário e do turismo português em Paris, que é um bom exemplo do esforço que partiu da Comunidade portuguesa de empresas de cá e que agora representa uma plataforma em que interesses de investir em Portugal se cruzam com interesses de empresas portuguesas do setor. Este é o segundo aspeto da dimensão ou a utilidade da comunidade portuguesa como trunfo económico. O terceiro aspeto tem a ver com a intervenção cívica dos Portugueses e a presença de lusos-descendentes nas instituições, nomeadamente na administração geral da polis. Isso é um dado que também tenho falado. Digamos que há a habitual descrição da Comunidade portuguesa, que nos tempos iniciais não queria que se falasse muito dela. Ser discreto era uma espécie de vontade estrutural. Eu acho que nós já conseguimos claramente estabelecer a nossa reputação de que não somos uma comunidade que vai criar problemas ou criar anticorpos por ser demasiado problemática. Uma vez que já temos a reputação de que tratamos as coisas de uma forma sem conflitualidade, agora temos de passar à fase de estarmos mais presentes no processo de decisão. Sempre que nós tenhamos a oportunidade de participar, nas eleições locais ou nas eleições europeias, aquilo que nós temos tentado dizer é que é preciso ser-se o mais presente possível. Agora talvez seja a altura de abandonar alguma timidez e ter a noção do peso que nós podemos representar. Claro que eu tenho intenção de encontrar-me com representantes eleitos, mas sinceramente ainda não pensei qual é a modalidade digamos mais adaptada.

Há pelo menos quatro Deputados no Parlamento francês, com origens portuguesas. Já se encontrou com eles?

Não. Ainda não e ainda estou a tentar perceber... O ponto aqui é que o desejo de ser identificado como português ou lusodescendente, tem de partir dos próprios. Não somos nós que o vamos fazer...

Não quer forçar essa relação, é isso?

Eu não diria isso em relação aos Deputados, mas às centenas de pessoas que já estão integrados na sociedade francesa e que eu acho que temos de ser subtis e gentis em trazê-los para uma relação reforçada entre Portugal e a sua diáspora, mas não podemos fazê-lo no sentido de considerar que fazem parte desse universo todas as pessoas que têm o nome português e que estão a



LusoJornal / Carlos Pereira

viver em França. Temos de respeitar também que há pessoas que ainda possam estar a fazer a viagem de se afastarem de Portugal. Queremos evidentemente que as pessoas nunca percam os laços com as suas origens, mas isto tem de ser feito de forma gentil e discreta.

O Senhor Embaixador também costuma dizer que os Portugueses participam pouco na vida cívica da França?

É o que acabei de dizer, um dos combates em que temos de nos empenhar. Considero que os números que nós temos, estão muito longe do que poderia ser... Se fizermos uma extrapolação, devemos chegar a 1,5 milhões de Portugueses em França. Este seria o universo de onde poderiam sair indivíduos eleitos. Ora, está de acordo comigo que o número final está muito à quem do que poderia ser...

Nós não sabemos exatamente quantos Portugueses estão inscritos nas listas eleitorais. Sabemos que os mononacionais são poucos, mas e os binacionais? E repare que os binacionais já são em maior número do que os mononacionais.

O que eu digo é que o número de eleitos está muito à quem do que deveria ser. Os interlocutores franceses que eu tive até agora queixam-se que há pouca participação. Considera que 4.500 autarcas de origem portuguesa chega? Eu acho que ainda é pouco. Não é um número que me deixa confortado. Não me chega. Para mim, a participação cívica na vida da Comunidade, numa cidade, na sociedade civil local, é mais importante do que o ato de votar. Estamos a confundir o facto de uma pessoa ir uma vez de x em x anos votar, mas isso não chega. O importante é influenciar decisões no dia a dia e eu acho que os Portugueses, por razões que nós conhecemos, não levantam problemas. Já fizemos um enorme progresso, já há a consciência em alguns de participar em eleições, em votar para as municipais e de estar presente nas campanhas, mas a participação cívica é mais do que isso. Quando me dizem que os Portugueses participam pouco é porque não aparecem neste processo de lobby nas decisões. Eu creio que nós estamos um bocadinho retraídos.

Logo que chegou a Paris, organizou um encontro com os Cônsules de Portugal em França. É uma forma nova de encarar a relação da Embaixada com os postos consulares?

Eu considero que os Cônsules fazem parte de uma só equipa que corresponde à rede diplomática e consular que cobre todo o território francês. Os Cônsules classicamente tinham um papel - e por isso é que os Consulados estavam nos portos - de ajudar os barcos da sua bandeira e os nacionais que residissem naquela zona. E isto tem evoluído no sentido de serem polos em que se descentralizou algumas das ações que o Estado faz, num país terceiro, na promoção económica, na divulgação cultural, sendo que apesar de tudo, o objetivo prioritário continua a ser de proteger os interesses dos seus cidadãos nacionais e portanto, quando eu cheguei aqui, sabia que contava nestas cidades mais importantes francesas, com membros da minha equipa, num objetivo que é partilhado, fazer ouvir mais sobre Portugal, participar nas atividades culturais sempre que tal seja possível, ter relações com as autoridades locais o melhor possível. No fundo, cada um na sua unidade, faz ações semelhantes. Compete ao Embaixador fazer uma coordenação, tecer um quadro geral, saber o que se vai passar no ano seguinte. Eu tinha acabado de chegar e queria dizer que quero deslocar-me a todas as concentrações mais populacionais em França, ter contactos com a Comunidade portuguesa, com as universidades e em particular quando houver aprendizagem do português, ter contacto com empresas locais que tenham contactos com Portugal, idealmente, nas circunstâncias em que haja algum evento cultural que diga respeito a Portugal. Todos nós ficamos satisfeitos quando há uma espécie de um programa e uma intenção. Continuo em rede a contactar os meus colegas.

O Governo organizou recentemente um Encontro de Cônsules Honorários e pediu-lhe uma maior contribuição, nomeadamente na promoção económica e na cultural. Também está a pensar reunir aqui os Cônsules Honorários de França?

Sim.

Qual é o balanço que faz destes primeiros 5 meses em França?

O posto é muito diferente de Pequim. Porque há realmente uma densidade de relações entre a França e Portugal que é difícil de comparar com outros países. Eu pergunto sempre aos meus interlocutores quantos voos há, por semana, entre a França e Portugal. E eu digo que já ultrapassámos os 600 voos semanais. Isso mostra que aquilo que nos escapa à nossa avaliação extintiva é impressionante. E como em França se está a viver um momento do protagonismo da França no contexto internacional, já reparou que estão a acontecer cada vez mais reuniões internacionais em Paris ou noutras cidades francesas. Há um acréscimo de iniciativas ou projetos informais que os Franceses convocam para aqui e isso significa que dizem-me que tem havido um incremento muito significativo de delegações que têm vindo de Portugal até Paris. Eu devo dizer que tenho tentado não perder a ideia de que é importante continuar a pensar a médio prazo os objetivos da Embaixada, mas ao mesmo tempo tenho que lidar com o dia a dia que é verdadeiramente avassalador. Nós temos acolhido delegações do Governo ou de instituições nacionais às duas e três por semana o que nos abriga a todos a ter uma capacidade de reação muito significativa.

Quantos diplomatas tem na sua equipa?

Mais 3. Mas a equipa no sentido genérico que trabalha - Aicep, Turismo, Cultura, Língua - é uma equipa maior, mas tínhamos de ter o dobro da dimensão para me contentar com aquilo que eu queria fazer aqui. Mas é evidente que também sei das limitações que existem nas finanças públicas e por isso temos de fazer o melhor que pudermos com os meios de que dispomos. Mas esta densidade de relações, o facto de Lisboa e Portugal estarem na moda para o turista francês, esta consolidação da ideia que Portugal embora seja um país pequeno, é um país global, com os sucessos que tem tido em afirmar-se globalmente, claro que nós tínhamos aqui pano para mangas se pudéssemos ter uma outra dimensão nesta pequena máquina aqui na Embaixada.

Qual a marca que gostava de deixar em Paris?

Essa ideia de marca ou de legado, não pode ser uma obsessão do último ano, nem tem de ser fixada ao princípio. Deve servir de inspiração. Para lhe dizer a verdade, o que eu verdadeiramente gostaria era que a relação entre Portugal e a França fosse cada vez mais complexa, que expandissem cada vez mais os campos do nosso relacionamento, que a dimensão científica e tecnológica tivesse uma outra dimensão, que a dimensão da cooperação, da economia azul tivesse uma outra dimensão e que o quadro que agora descreve a nossa relação, que tem uma dimensão assim, que quando eu sair daqui, tenha uma dimensão ainda maior. Eu acredito que as condições estão reunidas para ter uma expansão em todos os setores. Eu gostava de sair daqui com uma relação entre Portugal e a França o mais complexa e o mais densa possível.

Paulo Pisco, António Oliveira e Nathalie de Oliveira integram a Comissão Nacional do PS



O Deputado do Partido Socialista eleito pelo círculo eleitoral da Europa, Paulo Pisco, foi reeleito membro da Comissão Nacional do PS no 22º Congresso do Partido que decorreu no fim de semana passado na Batalha.

«De acordo com o artigo 59º dos Estatutos do Partido Socialista, a Comissão Nacional é o órgão deliberativo máximo entre Congressos, competindo-lhe estabelecer a linha da atuação do Partido, nomeadamente na esfera da sua ação política e zelar pela sua aplicação» diz uma nota do Deputado Paulo Pisco enviada às redações.

No âmbito das Comunidades, são ainda membros por inerência na Comissão Nacional os Coordenadores das duas Secções socialistas com maior número de militantes na Europa e das duas de Fora da Europa. Sendo assim, António Oliveira da Secção do PS de Paris e Nathalie de Oliveira, da Secção do PS de Metz, também integram a Comissão Nacional, juntamente com os representantes das Secções de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Foi ainda eleita membro da Comissão Nacional a Secretária-Coordenadora do PS no Luxemburgo, Mili-Tasch Fernandes.

Hermano Sanches Ruivo, que tinha integrado esta Comissão Nacional no Congresso anterior, não faz parte da atual Comissão que saiu do XXII Congresso.

De salientar ainda que o professor universitário Rui Pena Pires foi eleito para a Comissão Permanente do PS, o órgão operacional da Direção deste Partido e que é liderado pela Secretária-geral Adjunta, Ana Catarina Mendes.

Rui Pena Pires, professor universitário no ISTE, é sociólogo e já fazia parte do Secretariado Nacional do PS desde 2016. Investigador do Centro de Estudos e Investigação de Sociologia, o novo membro da Comissão Permanente do PS tem desempenhado as funções de Coordenador do Observatório da Emigração desde 2009.

Rui Pena Pires integrou o Conselho de Administração do Observatório Europeu do Racismo e Xenofobia da União Europeia (entre 2006 e 2007) e o Conselho de Administração da Agência de Direitos Fundamentais da União Europeia (2007/2010). É autor e coautor de diversas publicações.

➔ Fundador da associação portuguesa local

José Batista de Matos recebeu a Medalha da cidade de Fontenay-sous-Bois



📷 LusoJornal / Carlos Pereira



📷 LusoJornal / Carlos Pereira

Por Carlos Pereira

O Maire de Fontenay-sous-Bois (94) entregou no sábado passado a Medalha da cidade a José Batista de Matos, um dos principais «ativistas» da Comunidade portuguesa de França. A cerimónia teve lugar no Hôtel de Ville, na presença dos Deputados Carlos Gonçalves e Paulo Pisco, do Cônsul Geral Adjunto de Portugal em Paris, de autarcas da Marinha Grande, no quadro da geminação entre as duas cidades e de muitos amigos do homenageado, entre os quais Abílio Laceiras e João Heitor, outros dois ativistas da Comunidade, Valdemar Francisco, o escultor Manuel Pereira e a historiadora Marie-Christine Volovitch-Tavares. Esta homenagem «é muito importante porque o Batista de Matos é uma figura desta cidade, porque trabalhou muito para que a geminação entre Fontenay-sous-Bois e a Marinha Grande fosse assinada já há muitos anos e é a ele que se deve o monumento que está na praça da amizade entre os povos, onde há mais de 30 anos se festeja o 25 de

abril» diz Marie-José do Rosário, franco-portuguesa, Maire Adjunte de Fontenay-sous-Bois, com o pelouro do comércio, artesanato, mercados e turismo. «É uma grande honra para a cidade termos uma pessoa assim, que tem o coração nos dois países, e esta homenagem era necessária». «As nossas relações com Portugal são históricas» diz ao LusoJornal o Maire Jean-Philippe Gautrais. «A Comunidade portuguesa, que chegou a França nos anos 60, era muito importante e Batista de Matos faz parte destas pessoas que participaram na construção da cidade, na sua evolução com valores de liberdade e de fraternidade e nós temos o dever de prestar homenagem às pessoas que participaram na construção da cidade, com estes valores de partilha e de intercâmbio». Jean-Philippe Gautrais lembrou os incêndios que devastaram Portugal no ano passado e o facto da Mairie de Fontenay-sous-Bois ter decidido plantar 53.000 árvores na região da Marinha Grande, uma por cada habitante da cidade. Entrevistado pelo LusoJornal, Jean-

Philippe Gautrais lembrou que esteve em Portugal há 25 anos, numa colónia de férias e quer reativar este tipo de iniciativas com Portugal. Para além do Maire Jean-Philippe Gautrais, discursou também o Cônsul Geral Adjunto de Portugal em Paris, João de Melo Alvim, que disse que «Portugal está muito orgulhoso» com esta homenagem. Lembrou também que Batista de Matos é um homem «de coragem e de princípios» e sobretudo que «deve ser um exemplo para os mais novos». José Batista de Matos chegou a França há 65 anos. Fundou a Associação Portuguesa Cultural e Recreativa dos Portugueses de Fontenay-sous-Bois, que ainda hoje existe, esteve na origem da geminação da cidade com a Marinha Grande, e também é a ele que se deve a existência na cidade do único monumento ao 25 de abril existente fora de Portugal. A medalha foi-lhe entregue por Jean-François Voguet, antigo Maire da cidade, agora Maire Honorário, e que foi colega de Batista de Matos na construção do Metro e do RER de Paris.

«Tudo quanto eu faço é na simplicidade, só para que Portugal seja reconhecido» diz José Batista de Matos ao LusoJornal, depois de ter recebido a Medalha da cidade de um jovem Maire «que praticamente vi nascer». «Como português que sou, fico obrigado, porque enfim é a primeira vez que um Português recebe a Medalha da cidade. Não é por ser eu, não é pelo valor da medalha, é por ser um Português». «É muito importante que a Mairie de Fontenay preste homenagem a uma das figuras incontornáveis da nossa Comunidade, por aquilo que ele representa, e pelos valores que ele sempre defendeu, porque são valores que vão além da fronteira da nacionalidade» disse ao LusoJornal o Deputado (PS) Paulo Pisco. «Pela história que teve, pelo passado, pela vida rica que teve ao longo de todo o seu percurso, merece este reconhecimento porque ele é uma grande riqueza para qualquer municipalidade e aqui, em Fontenay-sous-Bois, certamente que este reconhecimento é importante e justo». «Para além de ser muito conhecido,

é uma grande figura da nossa Comunidade, é um cidadão com um trabalho notável neste município» disse por seu lado o Deputado (PSD) Carlos Gonçalves. «Hoje foi aqui assinado o papel que teve na associação portuguesa, na geminação, mas foi muito mais do que isso, porque é necessário saber que o Batista de Matos é um grande defensor de um conjunto de valores, que independentemente do nosso enquadramento político, são fundamentais para a nossa sociedade, é um lutador e para além de ser uma grande figura da nossa Comunidade, transformou-se numa figura desta cidade. Por isso, esta homenagem, é justa e através dela, é também uma homenagem que se faz à Comunidade portuguesa que aqui reside». Depois de 55 anos em França, José Batista de Matos tem dificuldade em escolher em que país deve viver. «Estes anos todos de França, é algo que me enraizou, porque eu fundei, eu criei, com os outros, claro, porque sozinho não se faz nada». Por isso faz o vai-vem entre Fontenay-sous-Bois e Alcanadas, na Batalha.

Franceses investem em projeto de moradias ecológicas em Idanha-a-Nova

Investidores franceses avançaram com um projeto de construção de 40 moradias ecológicas situadas num condomínio com 238 hectares, em Monsanto, Idanha-a-Nova, cujo investimento irá situar-se entre os quatro e os cinco milhões de euros. «O projeto já arrancou. Neste momento, estão a ser feitas as infraestruturas básicas num terreno de 238 hectares, na Herdade do Carvalhal, próximo de Monsanto», afirmou à Lusa o Presidente da Câmara de Ida-

nha-a-Nova, Armindo Jacinto. O projeto «Monsanto Verde», que foi recentemente apresentado no Salão do Imobiliário e do Turismo Português em Paris, onde o município de Idanha-a-Nova marcou presença, inclui a construção de 40 casas bioclimáticas, cujos lotes terão uma área mínima de três hectares cada. O autarca realça a importância deste investimento para Idanha-a-Nova e sublinha que a escolha dos investidores recaiu neste concelho do dis-

trito de Castelo Branco devido à estratégia e à aposta que o município tem feito na economia verde. «A nossa estratégia foi fundamental para a decisão dos investidores em optar por Idanha-a-Nova. Além disso, o posicionamento da vila em relação a Lisboa, Porto e Madrid, também pesou na decisão», disse. Armindo Jacinto sublinhou ainda que Idanha-a-Nova é o primeiro município português a integrar a Rede Internacional Bio Regiões e o projeto

está situado em pleno Geopark Naturtejo da UNESCO. O «Monsanto Verde» visa integrar todas as componentes do desenvolvimento sustentável, nomeadamente a economia colaborativa, funcional, social, circular e ecológica. O objetivo passa por criar um espaço social, ecológico e economicamente responsável que se venha a assumir como o empreendimento de desenvolvimento sustentável mais completo até hoje em Portugal.

As casas vão ser construídas com base numa arquitetura moderna, utilizando materiais tradicionais da região, como a madeira e as pedras. Vão ser equipadas com as mais recentes tecnologias para a geração e armazenamento de energias renováveis, condicionamento de ar natural e reciclagem de resíduos e efluentes, combinando o antigo 'know-how' com as mais recentes tecnologias digitais.

➔ Uma das personagens que mais marcou a Comunidade portuguesa

Morreu Jaime Ribeiro, cofundador do PPD e fundador do Jornal Encontro

Por Carlos Pereira

Morreu em Paris, onde vivia, com 93 anos, Jaime Lima Ribeiro, fundador do jornal Encontro das Comunidades Portuguesas, que durante muitos anos foi um jornal de referência na região parisiense. Segundo a filha, Isabelle Ribeiro, Jaime Ribeiro morreu na quarta-feira da semana passada e as cerimónias fúnebres terão lugar na próxima sexta-feira, dia 8 de junho, às 14h15 na Igreja de Saint Luc, 80 rue de l'Ourcq, em Paris 19, e depois às 16h30 no Crématorium du Père Lachaise.

Quando chegou a França, em 1956, Jaime Lima Ribeiro não sabia ainda que viria a ser um dos fundadores do Partido Social Democrata PPD (atual PSD) e o fundador da Secção de Paris do Partido.

Foi ao lado de Emídio Guerreiro que Jaime Ribeiro esteve na fundação do PPD. Na altura, esteve prestes a fundar o Partido Republicano com Rui Luís Gomes «mas quando ele veio do Brasil, agarrou-se aos abraços do Álvaro Cunhal e nós tiramos-lhe a confiança» explicou ao LusoJornal, em 2005.

«Agora tenho diploma e medalha de honra do PPD» que marca o momento que passou ao lado de Francisco Sá Carneiro e de Pinto Balsemão. Podia ter ido bem mais longe se Sá Carneiro não tivesse sido vítima do acidente mortal. «Era um homem que tinha um projeto forte para a Emigração. Já naquela altura ele queria que os Emigrantes votassem para as eleições presidenciais».

Jaime Lima Ribeiro nasceu na freguesia de Bonfim, no Porto. O avô tinha feito a Revolução de 1910 e foi o primeiro Presidente da Junta de Freguesia do Bonfim. «Por isso, já nasci Republicano» dizia Jaime Ribeiro. Em França, antes do 25 de Abril «éramos todos contra o regime» disse numa entrevista ao LusoJornal. «Não havia Direita, nem Esquerda».

Por isso, mesmo se Jaime Ribeiro foi fundador do PSD, sempre foi respeitado por todos os quadrantes políticos. Na altura, convivia com os amigos num café da avenue Wagram, em Paris, onde hoje existe um MacDonald. «De um lado da avenida juntavam-se os mais revolucionários, e do



outro lado, num outro café, juntavam-se os mais moderados. Mas todos lutávamos pela mesma causa. Quando algum elemento da PIDE tentava infiltrar o grupo, levava um arraial de porrada à noite, quando saísse do café...» contava com emoção.

Por vezes participou em reuniões clandestinas em Pantin. Foi aí que conheceu Mário Soares.

Logo depois de ter ajudado a fundar o PPD, Jaime Lima Ribeiro regressou a Paris para criar o Centro Popular Português Democrático, uma associação que mais não foi do que a primeira Secção do Partido fora de Portugal. Para além de Jaime Ribeiro, foram fundadores do CPPD Rodrigo Galveias, Jorge Angelino, José Queirós da Silva, Pinho Cardetas, Joaquim Pé-Curto e José Araújo, entre outros. «É uma geração que vai desaparecendo» disse esta tarde ao LusoJornal o Deputado Carlos Gonçalves.

Jaime Lima Ribeiro foi o primeiro Emigrante no Conselho Nacional do PPD. E nas eleições legislativas de 1977 esteve prestes a ser candidato a Deputado. Mas não foi.

Guardou sempre uma ligação forte com Portugal. Considerou José Vitorino como o melhor Secretário de Estado da Emigração que Portugal teve. Dizia que «tinha uma visão muito clara da emigração».

Mas quando Carlos Gonçalves foi eleito Deputado «foi como se fosse meu filho. Fez aquilo que eu não consegui fazer. O pai dele, Almiro Gonçalves, foi meu Vice-Presidente e depois foi ele o Presidente do Centro PPD».

«A minha eleição e o meu percurso político deve-se ao trabalho iniciado por Jaime Ribeiro e todos aqueles militantes históricos que hoje praticamente já não estão cá» confirmou Carlos Gonçalves ao LusoJornal. Jaime Ribeiro só lamentou que Carlos Gonçalves tivesse integrado o Governo de Pedro Santana Lopes. «Não deu para mostrar o que efetivamente vale» dizia a sorrir.

Até à morte, Jaime Lima Ribeiro assumia-se como sendo do PPD e não do PSD.

Quando Mário Soares concorreu pela segunda vez a Presidente da República, Jaime Ribeiro escreveu-lhe uma

carta para dizer que não o apoiava. «Votei no Mário Soares contra o meu Partido, mas na segunda vez não votei» disse ao LusoJornal. «Ele nasceu em 1924 como eu e agora devia ter juízo» disse na altura.

«Arrepio-me quando ouço alguém dizer que Salazar era um homem bom. Onde é que isto irá parar?» confessou ao LusoJornal.

Em 1990, Jaime Lima Ribeiro pediu a nacionalidade francesa e aderiu ao Partido Republicano francês. Foi o primeiro português a integrar o Conselho Nacional deste Partido ao lado de Giscard d'Estaing, Jean-Pierre Raffarin e Patrick Poivre d'Arvor.

Tem correspondência trocada com «mon ami» Giscard d'Estaing, mas era um Gaulista «de gema».

Para além de dirigente partidário, Jaime Ribeiro foi também dirigente associativo e passou por cerca de 20 associações em cerca de 60 anos a viver em França.

«Sempre ajudei os Portugueses. Fui muitas vezes tradutor, gastei algum dinheiro pessoal, mas nunca pedi a ninguém que me pagasse os serviços que prestava. Disso posso estar orgulhoso». Mas outro dos motivos de orgulho de Jaime Ribeiro foi ter criado o Jornal Encontro que dirigiu durante cerca de 30 anos.

A uma altura o jornal ainda passou a ser quinzenal, dirigido por Vítor Esteves e graças a uma associação com as equipas da Rádio Alfa. Pelo Encontro passaram muitos dos jornalistas que atualmente evoluem na Comunidade portuguesa de França. Foi último Diretor do jornal António de Moraes Cardoso, antes de desaparecer completamente. O desaparecimento do jornal foi uma das maiores mágoas de Jaime Ribeiro.

Jaime Ribeiro foi um dos fundadores do Club de la Presse em Paris, onde era tratado como «um rei», como costumava dizer. Foi aí que acompanhou a preparação do projeto daquele que mais tarde viria a ser o LusoJornal. Aliás, era leitor fiel leitor do LusoJornal.

Nos últimos anos decidiu «afastar-se» da Comunidade portuguesa. Estava lúcido, mas debilitado fisicamente e preferiu não aparecer. «Já toda a gente se esqueceu de mim» disse ainda muito recentemente.

Cônsul de Lyon representou Portugal no funeral de Maëlys de Araújo

O Cônsul Geral de Portugal em Lyon, Luís Brito Câmara, esteve presente, no sábado passado, em representação de Portugal, no funeral da lusodescendente Maëlys de Araújo, a criança de 9 anos que desapareceu durante uma festa de casamento e que foi morta por um ex-militar que já confessou o crime. A cerimónia fúnebre, com os restos que foi possível juntar do corpo da vítima, encontrado cerca de meio ano depois, teve lugar no sábado, dia 2 de junho, às 14h30, na Igreja de La Tour-du-Pin (38), a que se seguiu o enterro reservado à família e amigos.

Luís Brito Câmara apresentou aos pais, nomeadamente a Joaquim de Araújo, que é cidadão português, as condolências pessoais, mas também em nome das autoridades portuguesas. O pai da criança agradeceu «de forma sentida» a presença do diplomata português e as condolências apresentadas.

Luís Brito Câmara escreveu uma mensagem no livro de condolências que foi aberto pela ocasião.

Na cerimónia religiosa «muito digna» participaram mais de 300 pessoas, dentro e fora da Igreja, na presença das autoridades locais e de muitos jornalistas.

Também o Conselheiro das Comunidades Portuguesas eleito nas áreas consulares de Lyon e de Marseille, Manuel Cardia Lima, esteve presente para transmitir a solidariedade da Comunidade portuguesa para com a família enlutada.

Évora: duas exposições sobre a participação portuguesa na I Guerra

Duas exposições evocativas da participação portuguesa na I Grande Guerra podem ser visitadas em Évora, no Palácio de D. Manuel, no âmbito das comemorações do Centenário do Armistício.

«Aviação Militar Portuguesa - Grande Guerra de 1914-1918» e «Óscar Monteiro Torres» são os títulos das duas mostras.

A exposição «Aviação Militar Portuguesa - Grande Guerra de 1914-1918» evoca os 100 anos da constituição dos Serviços de Aviação do Corpo Expedicionário Português, da ativação do Centro de Aviação Marítima de Lisboa e da projeção da Esquadilha Expedicionária a Moçambique. A outra iniciativa é dedicada à memória do Major piloto-aviador Óscar Monteiro Torres, que integrou o Corpo Expedicionário Português em França e que foi morto em combate.

Portugal eleito Melhor 'Office' de Turismo estrangeiro em França

Por Carlos Pereira

Portugal venceu na semana passada o Troféu de Melhor 'Office' de turismo estrangeiro em França. O Prémio foi entregue durante o jantar de Gala das «Victoires du Tourisme 2018» que juntou cerca de 300 convidados nos salões centenários do Hotel Intercontinental de Paris, entre os quais o Secretário de Estado francês da Europa e dos Negócios Estrangeiros, Jean Baptiste Lemoyne, e a Presidente da Région Île-de-France, Valérie Pécresse.

«Obrigado a todos quantos votaram por nós. Bela recompensa» disse Jean-Pierre Pinheiro, o Diretor do Turismo de Portugal em Paris, que dedicou a recompensa «à equipa, Rui e António, e aos nossos colegas da sede, em Lisboa».

A Secretária de Estado portuguesa do Turismo disse recentemente ao LusoJornal que Portugal acolheu, em 2017, mais de 3,2 milhões de turistas franceses.

Durante a noite das «Victoires du Tourisme 2018» foram entregues nove Troféus correspondendo ao voto



dos leitores do «Quotidien du Tourisme».

Henri Giscard d'Estaing, Presidente do Club Med, foi nomeado «Personalidade turística do ano» pela reda-

ção do jornal.

Victoires du Tourisme 2018

Melhor companhia aérea: **Air Austral**
Melhor empresa de aluguer de carros: **Avis**
Melhor companhia de cruzeiros: **MSC**
Melhor parque de atrações:

Le Puy du Fou

Melhor tour-operator: **Austral Lagons**
Melhor rede hoteleira: **Beachcomber**
Melhor segurador: **Allianz Travel**
Melhor destino 'Outre-Mer':

La Réunion

Melhor 'Office' de turismo estrangeiro: **Portugal**

Grupo francês lançou primeira pedra de projeto turístico de 30 milhões de euros no Carvalhal

O grupo francês Terrésens lançou na semana passada a primeira pedra do novo projeto turístico La Réserve, na aldeia do Carvalhal, que representa um investimento global de 30 milhões de euros e que deverá estar concluído em 2020.

“O projeto La Réserve prevê a construção de apartamentos turísticos e casas de aldeia que poderão custar entre 200 e 250 mil euros, consoante as tipologias”, disse à Lusa Juliette Jouvel, representante do grupo Terrésens, que marcou presença na cerimónia de lançamento da primeira pedra realizada na aldeia do Carvalhal, concelho de Grândola.

“Tem havido um interesse cada vez maior dos Franceses em Portugal não só pelo clima mas também pelas características de algumas zonas do país como a Comporta. Surgiu a oportunidade de comprar um terreno e avançamos com este projeto”, acrescentou Juliette Jouvel, adiantando ainda que, neste dia em que se procedeu ao lançamento simbólico da primeira pedra, o grupo já tem “60% de reservas”. Segundo o arquiteto João Resende, do gabinete de arquitetura Living Comporta, que elaborou o projeto do novo ‘resort’ do Carvalhal, “houve a preocupação de conseguir um equilíbrio entre o programa turístico e residencial” e de construir uma “aldeia calma junto a uma zona de pinhal com cerca de 60 anos”.

O ‘resort’ La Réserve, com capacidade para um total de cerca de 500 pessoas, será administrado pela My Second Home, subsidiária local do grupo francês e deverá dar emprego a cerca de 30 funcionários.

O grupo francês Terrésens refere ainda que o novo ‘resort’, com piscina, spa, mini-mercado, restaurante e bar, campos de jogos e clube de crianças, será “um refúgio de eleição na Comporta” e terá uma forte dinâmica social e impacto na economia e comércio da região.

Ecoponto da Lipor venceu concurso de Design em Paris

A Lipor, empresa que trata resíduos urbanos no Grande Porto, anunciou que o seu ecoponto doméstico «BinUp» foi um dos dois projetos premiados na categoria «Design Prize» do evento VivaTechnology, realizado em Paris.

A Lipor refere que o prémio teve como objetivo distinguir a reinvenção de dois objetos «de extrema importância» para a reciclagem: o ecoponto doméstico e o compostor.

➔ Academia do Bacalhau de Paris chora a morte de Durval Marques

Morreu Durval Marques, cofundador da Academia do Bacalhau

Por Academia do Bacalhau de Paris

O Compadre Durval Marques deixou-nos a 26 de maio de 2018. Faleceu no Porto, onde residia com a família, e o último adeus foi feito no dia 29, na Igreja Matriz de Paços de Brandão, de onde era natural.

Mas, na verdade, o Compadre Durval Marques não nos deixou. Porque o legado que construiu continua a viver nas 59 Academias do Bacalhau, nos milhares de Compadres em quatro continentes e nas obras filantrópicas que impulsionou ao longo de toda a sua vida.

O Compadre Durval Marques não nos deixou porque o Compadre Durval Marques é imortal.

Nasceu a 14 de outubro de 1933, em casa dos pais, em Paços de Brandão. Estudou na Escola Primária local e depois ingressou na Escola Académica do Porto, de onde guardou sempre as melhores memórias. O ensino superior, fê-lo na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, onde se embrenhou na vida académica e se tornou membro do Orfeão Universitário do Porto.

Contava com fervor a história de como, durante o seu tempo no Orfeão, o grupo conseguiu representar o país internacionalmente, uma honra que até então cabia apenas à Universidade de Coimbra. E foi precisamente numa dessas viagens, a Angola, que Durval pisou pela primeira vez o solo africano e imediatamente se apaixonou.

Mas regressou a Portugal, completou os estudos e, já a trabalhar, recebeu uma proposta de emprego em Luanda. Aceitou. Deixou o pai e o irmão e qualquer possibilidade que o pai acalentasse de, um dia, ver Durval juntar-se ao negócio de família, uma fábrica de papel.

Durval rumou a Angola e por lá ficou cerca de dois anos, até que lhe solicitaram que se deslocasse à África do Sul para fazer um estudo de viabilidade para a abertura de um novo banco, que mais tarde seria o Bank of Lisbon and South Africa Limited.

Durval achou que iria para a África do Sul durante uns meses. Passaram-se quarenta anos.

Desenvolveu uma carreira de excelência no Bank of Lisbon e tornou-se o mais jovem CEO de um banco na África do Sul. Por motivos profissionais, estava presente regularmente nos eventos da Comunidade portuguesa naquele país e, aos poucos, foi estabelecendo uma extensa rede de contatos e reconhecimento por parte da Comunidade. Mas a ligação aos outros não era uma questão de trabalho para Durval, que estava sempre disponível para conhecer e dar-se a conhecer, para fazer novos amigos, que lhe enchiam a casa e a vida.

Foi num dos muitos eventos a que ia na África do Sul que conheceu a mulher que lhe roubou o coração, Carol. Casaram-se uns anos mais tarde e tiveram duas filhas, Nicole e Ivana.

Durval manteve sempre uma atividade intensa a nível associativo. Foi Presidente do Lusitano Futebol Clube, Administrador da rádio e televisão



portuguesas na África do Sul, Presidente do Luso South Africa Benefit Trust, representante da Associação Empresarial Portuguesa e membro do Institute of Directors in Southern Africa.

Mas a expressão maior do seu legado associativo foi, sem dúvida, a Academia do Bacalhau.

Em 1968, pouco depois da sua chegada à África do Sul, reuniu-se com três amigos - Rui Pericão, Ivo Cordeiro e José Ataíde - para um jantar realizado no hotel Moulin Rouge, em Hillbrow. Foi o primeiro jantar da Academia do Bacalhau que, na altura, tinha apenas a ambição de ser um grupo de amigos portugueses reunidos com o objetivo de melhorar a imagem dos Portugueses naquele país e de contribuir para o bem-estar da Comunidade.

Teve um sucesso tal que, a 10 de junho desse ano, a Academia do Bacalhau realizou o seu primeiro jantar oficial, comemorando também, pela primeira vez, o Dia de Portugal na África do Sul.

O que o Compadre Durval Marques não sabia quando teve a ideia de convidar uns amigos para um jantar é que, com esse simples gesto, estaria a criar as bases daquele que se tornaria o maior movimento associativo da diáspora portuguesa.

Cerca de um ano depois, criou-se a segunda Academia do Bacalhau, em Durban e, nesse mesmo mês, foi também inaugurada a primeira Academia fora da África do Sul - em Mbabane, na Suazilândia.

O movimento continuou a espalhar-se, pela Europa, América do Sul, América

do Norte e Oceânia.

A 10 de março de 1997, outro marco importante na história das Academias: foi oficializada a tertúlia de Caracas, na Venezuela, a primeira na América do Sul. O movimento das Academias chegaria a América do Norte no ano seguinte quando foi oficializada a Academia do Bacalhau de Toronto. Nesse mesmo ano, foi oficializada também a Academia do Bacalhau de Paris, a primeira na Europa fora de Portugal. O movimento alcançou quatro continentes com a abertura da Academia do Bacalhau de Perth, a 5 de março de 2011.

Cada vez que era inaugurada uma nova Academia do Bacalhau, o Compadre Durval Marques tentava estar presente. Sempre que podia, viajava para os Congressos anuais também. Mesmo com o avançar da idade, só não marcava presença se a saúde não lhe permitisse mesmo. E em cada evento em que estava, sentia-se entre amigos.

Porque, no fundo, a Academia do Bacalhau é mesmo isso, um grande grupo de amigos. E na sua pacatez e com um sorriso simpático, ia distribuindo abraços e palavras de sabedoria sobre este movimento que era um dos maiores amores da sua vida.

Para muitos, o compadre Durval Marques era a personificação dos valores das Academias do Bacalhau. Mas ele não queria os holofotes sobre si. “Não sou eu, somos todos nós, é o grupo”, dizia sempre.

Como reconhecimento pelo seu extenso e impactante legado na Academia de Joanesburgo, Durval Marques foi nomeado “Compadre

Honorário de Todas as Academias”. A decisão sobre esta nomeação foi feita no XIV Congresso Mundial, em Manzini, na Suazilândia. Aproveitando o facto de Durval não estar presente nos trabalhos da manhã por compromissos profissionais, os Compadres reunidos apresentaram a proposta e aprovaram-na, comunicando ao Compadre fundador o seu novo estatuto quando ele chegou ao Congresso, da parte da tarde.

Mas para o Compadre Durval, o reconhecimento dos seus feitos não tinha grande importância. O que o fazia vibrar era a possibilidade de ajudar quem mais precisava.

Será impossível calcular o número de vidas que tocou e que ajudou a melhorar ao longo dos seus 84 anos, ao longo de uma vida inteira ao serviço dos outros. E mesmo depois de deixar este mundo, a sua filantropia continua a fazer-se sentir: deixou um último apelo a todas as Academias - que não enviassem coroas de flores para o seu funeral mas que direcionassem esses fundos para a Academia-Mãe, de maneira a ajudar os residentes do Lar de Idosos Rainha Santa Isabel, em Joanesburgo, instituição que ajudou a criar e que lhe era extremamente querida.

O Compadre Durval Marques passou uma vida inteira a fazer o bem.

Aos Compadres e Comadres resta agora uma tarefa: honrar o seu legado.

E porque ele queria ouvir de todos nós estas palavras com toda a força, aqui ficam: Um Gavião de Penacho, caro Compadre Durval!

Até sempre.

➔ António Manuel Ribeiro

Vocalista dos UHF veio falar de «stalking» na Sorbonne Nouvelle

Por Carlos Pereira

António Manuel Ribeiro, o vocalista dos UHF, que também é autor e compositor, esteve esta semana em Paris onde fez uma intervenção na Universidade Sorbonne Nouvelle, a convite de Isabel Oliveira, Diretora do Departamento LEA desta universidade, para falar de «stalking», no seguimento do livro que escreveu «És meu, disse ela», editado pela Guerra & Paz.

O evento teve lugar na Salle du Conseil da Maison de la Recherche, na rue des Irlandais e foi moderado pelo jornalista da RFI Vítor Matias, amigo de António Manuel Ribeiro. Participaram também vários especialistas franceses como Chantal Paoli-Textier, a Presidente da associação AJC, a psicóloga Audrey Mathieux, o Presidente do Sindicato dos detetives privados Jean- Emmanuel Dery e o advogado Michel de Soulages.

A história de António Manuel Ribeiro é impressionante! Durante cerca de 9 anos, foi seguido por uma mulher, que inicialmente dizia ser fã do artista, mas que pouco a pouco foi invadindo a sua privacidade, ameaçando-o e ameaçando a sua família. É esta a história que conta em «És meu, disse ela» editado em janeiro deste ano em Portugal.

Num francês perfeito, António Manuel Ribeiro começou por explicar que fundou os UHF há 40 anos, que o grupo já editou 25 discos e ele já publicou 6 livros. Explicou que chegou a estudar direito e literatura clássica e que atualmente é Embaixador dos Direitos de Autor. Para um público francês impunha-se esta explicação.

E foi então que começou por contar a história que poluiu a sua vida durante quase uma década. Tudo começou em 2003, quando uma mulher com 37 anos na altura, sem trabalho, residente em Oeiras, invadiu a vida do músico. «No início quando ia aos correios ela estava lá, quando ia ao banco, ela estava lá, quando ia a um café, a um concerto, em qualquer cidade do país ela estava lá» conta António Manuel Ribeiro. «Mandou-me



LusoJornal / Carlos Pereira

mais de 2.000 sms, a partir de 9 números de telefone que ela utilizou». Mas também lhe enviou prendas para casa, pelo correio.

A psicóloga Audrey Mathieux explicou bem as três fases do «stalking»: numa primeira fase há a sedução, numa segunda fase há a destabilização e na terceira fase a destruição.

A mulher que entrou na vida de António Manuel Ribeiro - «sem nunca ter havido qualquer contacto físico, claro» precisou o músico - passou por todas estas fases até acabar com ameaças de morte, a mim e à minha família e até com ameaça de castração com ácido!

«Ela estacionava o carro à frente de minha casa e passava horas ali» conta o fundador dos UHF. «Sabia tudo sobre mim e sobre a minha família, ameaçou a minha mãe e a minha filha».

Só em 2007 apresentou queixa na polícia. «Antes não tinha testemunhas» explicou. E teve muitas dificuldades em ser percebido pela polícia. Para eles a senhora não passava de uma simples fã! Mas quando se recebe mais de 30 sms por hora a situação era demasiado sufocante. «Comecei a ter problemas de saúde, não dormia, as pessoas à minha volta tinham alguma dificuldade em perce-

ber a dimensão do problema».

Mas o problema que António Manuel Ribeiro denuncia é a falta de legislação portuguesa sobre esta matéria. «Durante os 5 anos do processo, ela continuou a invadir a minha privacidade e nenhuma lei a fez parar» explicou. «Ela seguiu-me durante anos e anos, seguiu-me para vários pontos do país, vivia a 35 km de minha casa, mas disse que não tinha meios e pediu apoio jurídico. A Justiça portuguesa pagou-lhe um advogado para a defender e durante o tempo do processo não me protegeu a mim» afirmou, sentido.

«Em França, mesmo se não há uma lei específica contra o 'stalking', como há no Canadá e nos Estados Unidos, há a lei do 'harcelement' que protege a vítima» explicou Chantal Paoli-Textier, fundadora, em 1999, da associação AJC que defende as pessoas vítimas de 'stalking'. Chantal Paoli-Textier é do Quebec, e é irmã de uma vítima que acabou por falecer. Foi eleita em 2011 «Mulher Formidável» pela revista Femme Actuelle.

Chantal Paoli-Textier contou o caso de uma jovem que foi vítima de um rapaz «que fez fixação sobre ela e mediante as provas que ela apresentou, ele foi logo detido e durante a investigação, nas buscas que fizeram em

casa dele, encontraram muitas mais provas. Foi logo preso preventivamente». António Manuel Ribeiro ouviu e comentou: «se fosse assim em Portugal...»

A «stalker» de António Manuel Ribeiro foi condenada a 3 anos de pena suspensa e a pagar 25.000 euros - que evidentemente não pagou. «E como não há uma lei autónoma sobre este assunto, ela foi condenada apenas por violação de propriedade privada e crime de injúria, nada mais do que isso».

O vocalista dos UHF começou a escrever o livro ainda durante o período em que estava a ser vítima da mulher que se intrometeu na sua vida durante 9 anos. «Era uma forma de terapia. Eu não podia ser violento com ela, senão a justiça tinha todas as armas para se virar contra mim». Visivelmente afetado pela situação, António Manuel Ribeiro diz estar numa fase de «reconstrução».

A psicóloga Audrey Mathieux explica que esta situação de «stalking» afeta a estima própria. «as vítimas passam por fases de culpabilidade, de vergonha, de perda de referenciais, passam por fases de isolamento e por um sentimento de impotência». E sugere sempre um acompanhamento terapêutico.

Parfums de Lisbonne: Começou o festival de «urbanidades cruzadas» entre Paris e Lisboa

Por Carlos Pereira

Começou no fim de semana passado, em Paris, a 12a edição do «Parfums de Lisbonne», o festival «de urbanidades cruzadas entre Lisboa e Paris», organizado pela companhia de teatro Cá e Lá até 19 de julho e cujo tema este ano é «Em contratempo».

Graça dos Santos, a Diretora do Festival programa performances, instalações, sessões de leitura, pequenos formatos no exterior e em diversos espaços de Paris... e de Lisboa.

No sábado passado, às 11h00, foi projetado o filme «Tous les rêves du monde», da realizadora Laurence Ferreira Barbosa (2017). Ainda no sábado, ao fim da tarde, o lançamento «oficial» do festival teve lugar, como habitualmente, numa das praças de Paris, em parceria com o Festival Nomade, organizado pela Mairie de Paris 3. Numa primeira fase, os atores da Companhia Cá e Lá fizeram uma performance a partir do texto «L'installation de la peur» de Rui Zinc, e da poesia de Alexandre O'Neill. Seguiu-se «Métamorphosis» pela companhia de dança Alma, com Alizée Duvernois e Marion Vibert, e «Bordadeira - Paisagens Musicais», uma performance a partir da música tradicional portuguesa e das artes plásticas, por Ana Isabel de Freitas.

No dia 4 de junho teve lugar na Calouste, um encontro/leitura «A Voix Vives» com o poeta António Carlos Cortez. No dia 7, o festival volta à Gulbenkian para um colóquio internacional sobre «Paris-Lisbonne: un dialogue capital». O colóquio continua no dia seguinte, no anfiteatro Quinet, da Sorbonne. O cinema vai voltar ao MK2 Beaubourg: Dia 9, com o filme «Lettres de guerre» de Ivo Ferreira (2016), e dia 16 com «Saint Georges» de Marco Martins (2016).

No dia 17 de junho, às 15h00, o festival vai «pousar» no «Comme à Lisbonne» para uma sessão de cantares. E às 18h00 vai ser apresentada na Maison du Portugal André de Gouveia, a performance de fim de residência «Tenue» pelos bailarinos da «Passion Passion».

O festival «Parfums de Lisbonne» vai ter uma última ação em Lisboa, no dia 19 de julho, às 19h00, na livraria Ler Devagar, com poesia de António Carlos Cortez, dita e cantada, numa apresentação performativa, seguida de um diálogo com o poeta.

Brasa Gourmet
CHURRASQUEIRA-RESTAURANTE




Encomendas para fora. Petiscos snack-bar

34 place Maurice Berteaux
78400 Chatou
Junto à Gare RER Chatou-Croissy
01.39.52.34.13

LES JARDINS DE MONTESSON
RESTAURANT



RÉCEPTIONS. CAPACITÉ POUR 150 PERSONNES.
SALLES PRIVATIVES. MENU PERSONNALISÉ.
29 boulevard de la République | 78360 Montesson
01.30.71.59.85

→ Caixa Geral de Depósitos

Situação de bloqueio na Sucursal de França da CGD

Por Carlos Pereira

No momento em que se fecha esta edição do LusoJornal, a situação na Sucursal de França da Caixa Geral de Depósitos continua «bloqueada». Uma parte dos trabalhadores mantém-se em greve desde o dia 17 de abril e, mesmo se as agências estão praticamente todas abertas, os serviços estão a ser fortemente afetados, até porque a maioria dos grevistas trabalha na sede da instituição, na rue de Provence, em Paris.

Os quatro sindicatos representados no banco estão divididos. De um lado a FO e a CFTC, que constituem a Intersindical que apelou à greve, e do outro a CGT e a CFDT que não apelou à greve.

Os Sindicatos estavam todos juntos na Assembleia de Trabalhadores que juntou centenas de colaboradores da CGD no pátio daquela instituição, no dia 12 de abril. Nesse dia, parecia haver unanimidade quanto ao diagnóstico da situação e aos motivos do protesto. Só houve divergências na estratégia a seguir.

Por um lado, a CGT e a CFDT acharam que a Assembleia Geral de trabalhadores lhes deu «força» para iniciarem novas negociações com a Direção e a Administração.

Por outro lado, a FO e a CFTC que acharam que deviam seguir imediatamente para a greve. Na frente deste movimento surge Cristina Semblano, uma economista do banco, com 63 anos, que passou a ser «Porta-voz da Intersindical representativa dos trabalhadores em greve» e «membro da Comissão de negociação eleita pelos trabalhadores».

Começou então uma greve ilimitada, a partir de 17 de abril, e que ainda dura atualmente. E começaram também as divisões e os ataques entre os quatro sindicatos. «Eles viraram-nos a cara, nem nos falam, e quando afixamos os nossos comunicados no sítio previsto para esse efeito, eles passam por trás e arrancam-nos» queixa-se um sindicalista da CGT ouvido pelo LusoJornal. Por outro lado, a Intersindical acusa a CGT e a CFDT de estarem «do lado da Direção».

Num comunicado divulgado na semana passada, a CGT e a CFDT acusam a Intersindical de terem iniciado uma greve ilimitada sem terem Caderno Reivindicativo. «Como é que um sindicato, que pretende defender os direitos dos salarizados, pode iniciar uma greve ilimitada sem ter ainda um Caderno Reivindicativo?» diz o comunicado conjunto da CFDT e da CGT, alegando que o Caderno Reivindicativo só foi apresentado a 23 de abril, alguns dias depois da greve ter começado. «Como é que um sindicato, que reivindica proteger os interesses dos salarizados, pode apresentar tão tarde um Caderno Reivindicativo tão insensato?».

Acusando a FO e a CFTC de «procurarem sistematicamente a destruição da nossa ferramenta de trabalho», a CFDT e a CGT consideram que a reivindicação de um aumento de 560 euros por mês «é completamente louco. Ninguém os pode tomar como sérios» diz uma sindicalista da CFDT. «É uma loucura!»

Quem se senta à mesa das negociações?

«A situação está bloqueada e não temos data da próxima reunião» constata o comunicado da CGT e da CFDT na semana passada.

A Direção da Sucursal explicou ao LusoJornal que as negociações fazem-se com todos os Sindicatos, mas os representantes dos trabalhadores grevistas dizem que a negociação se faz com os representantes dos trabalhadores em greve e não querem sentar-se com os outros sindicatos. Ameaçam de recorrer à justiça «porque é assim segundo a Lei francesa», enquanto a Direção e os sindicatos não grevistas dizem que não. A Direção ameaça também recorrer para a justiça.

«Depois de insultos, por um punhado de colegas, e acusações em público, os dirigentes da FO/CFTC querem proibir os representantes sindicais da CGT e da CFDT, qualificando-os de 'elementos exteriores' de participarem nas reuniões convocadas pela Direção» lê-se num comunicado de 5 de maio da CFDT e da CGT.

Segundo estes dois Sindicatos, a CGT e a CFDT representam 49,9% dos trabalhadores da CGD, no seguimento das eleições de 2017. «Há uma só voz a mais no conjunto dos colégios eleitorais. 365 votos para a CGT e CFDT e 366 para a FO e a CFTC. Esta é a realidade dos números, estamos fartos das mentiras» reagem os sindicatos não grevistas quando a Intersindical diz que é «maioritária».

«A Direção Geral da Sucursal continua a manifestar a sua má-fé habitual recusando considerar a Comissão de negociação eleita em 17 de abril pela Assembleia Geral de Trabalhadores em greve, como a sua única e legítima interlocutora, ao convidar ostensivamente a sentar-se à mesa das negociações representantes de sindicatos minoritários que lhe são favoráveis e entravam as negociações» diz um comunicado da Intersindical em greve, de 16 de maio. «Face a esta situação - de uma Direção que se outorga o direito de escolher os seus interlocutores ao arrefio da lei - ao entrave das negociações a que ela conduz e à vergonhosa desinformação a que dá lugar, a Assembleia Geral de Trabalhadores aprovou ontem em Plenário uma moção desautorizando a Comissão de negociações que ela elegeu, a sentar-se à mesa com elementos estranhos aos representantes dos trabalhadores em greve».

A situação tem sido pois de rutura entre os dois blocos. «Quando negociamos melhores condições, são para todos os trabalhadores e não apenas para os grevistas» diz a Direção da Sucursal ao LusoJornal. «É ridículo» dizem sindicalistas da CGT.

Em comunicado, a FO e a CFTC garantem que «a Lei é inequívoca, assim como a 'Cour de Cassation Sociale'»: «Todas as organizações representativas na empresa, por intermediário dos seus delegados sindicais, devem participar na negociação, mesmo em caso de greve» e «Constitui um entrave ao

exercício do direito sindical o facto de não chamar um sindicato representativo com um delegado sindical na empresa, às negociações sobre a revisão de acordos coletivos, mesmo se os acordos não foram assinados por esse sindicato» cita em comunicado a CGT e a CFDT.

Greve passou para a esfera política

A situação tem sido levada para a esfera política, até porque a CGD é um banco público. A Intersindical já organizou duas manifestações junto à Embaixada de Portugal em Paris e outra junto ao Consulado Geral de Portugal. Cristina Semblano também escreveu ao Presidente da República Portuguesa, em representação da Intersindical representativa dos trabalhadores em greve e da Comissão de negociação eleita pelos trabalhadores, para lhe solicitar uma audiência.

«Um aspeto fundamental, que aparece como pano de fundo deste longo conflito, está a incerteza ligada ao futuro da Sucursal, cuja alienação está prevista no Plano de reestruturação acordado pelo Governo português com a DGComp como contrapartida da recapitalização do grupo público. Em particular, a falta de transparência que envolve o processo de alienação desde o princípio em completa violação da Lei, deixa apreensivos os trabalhadores e os milhares de clientes emigrantes da Sucursal de França da CGD» escreve Cristina Semblano na carta enviada ao Presidente da República e ao qual o LusoJornal teve acesso. «O Plano de Reestruturação acordado entre o Governo português e Bruxelas, deveria ter sido apresentado às instâncias representativas dos trabalhadores em França, previamente à sua conclusão. Ora, não só não foi o caso, como, uma vez concluído, aquele Plano continua a não ser entregue, em violação completa da Lei francesa».

Cristina Semblano, que também é dirigente Nacional do Bloco de Esquerda - embora refira ao LusoJornal que não é nessa função que lidera o movimento grevista na Sucursal de França da CGD - trouxe a Paris a Deputada do Bloco de Esquerda, Mariana Mortágua, membro da Comissão de Orçamento e Finanças da Assembleia da República, no dia 9 de maio, quando decorriam 23 dias de greve.

Negociações continuam

Num comunicado de 23 de maio, a CGT garante que as negociações têm «avanços significativos». Garante que a Direção reconduz o Acordo assinado em 2016, que garante o emprego a todos os trabalhadores até 31 de dezembro de 2021, garante que o salário mínimo de emprego em CDD passa para 1.800 euros e o salário para passagem em CDI passa para 2.000 euros. «São aumentos muito significativos para os jovens colegas que chegam agora ao banco e que ganhavam mal» diz ao LusoJornal um sindicalista da CGT comentando o comunicado da semana passada.



Carina Branco

O sindicato garante ainda que a «Prime de Garderie» passou para 80 euros, que a «Prime de Salarité» passou para 150 euros, que a «Prime de vacances» e a «Prime de Noël» passou para 600 euros cada uma, que a «Prime Mérite» de 2016 vai ser de 500 mil euros, distribuída a todos os trabalhadores em partes iguais e que a «Prime Mérite» de 2017 vai ser de 622 mil euros, distribuída segundo os critérios habituais de mérito. O Sindicato garante ainda que a Direção da Sucursal apresentou um Plano Comercial e Estratégico para os 5 próximos anos e um aumento salarial de 1,2%. «Para mais, como prova da continuidade das atividades, um conjunto de medidas foram apresentadas, com uma agenda de execução».

A CGT preparava-se para assinar a proposta da Direção, mas fez uma contra-proposta relacionada com o aumento salarial de 1,2%. «Entendemos que ainda é insuficiente» e propôs um aumento de 110 euros por mês e por trabalhador.

«Enquanto uns fazem greve, nós optamos por negociar» diz um sindicalista da CFDT. «Os avanços nas negociações só são obtidos graças à nossa greve» responde um grevista motivado.

Um referendo ao conjunto dos trabalhadores?

Mas a CFT e a CFDT acusam «os representantes da FO de quererem favorecer os grevistas em detrimento dos outros». Segundo estes sindicatos, a proposta da FO defende que, «em caso de despedimento», as indemnizações sejam diferenciadas: «2,5 vezes o montante previsto na convenção coletiva para os não-grevistas, com um limite de 167 mil euros; e 3,5 meses por ano para os grevistas com um limite de 400 mil euros».

O comunicado da CGT e da CFDT diz que «ninguém duvida que, para além de ser discriminatória, esta medida tem um caráter ilegal, que parece não perturbar a FO» e fala mesmo e «caos».

«Para sair deste caos destrutor, a CFDT e a CGT pedem à Direção Geral para organizar um referendo ao conjunto do pessoal».

Para já, não se sabe quando vai terminar o conflito. «Nem se sabe se os trabalhadores grevistas têm um plano de fim de greve» conclui um quadro do banco ao LusoJornal.

➔ Em Strasbourg

Rui Barata apresentou oficialmente o Portugal Club Europe

Por Carlos Pereira

Foi lançado em Strasbourg, a associação Portugal Club Europe (PCE), um clube de empresários, sem fins lucrativos, fundado no dia 5 de outubro de 2017 em Schiltigheim (Alsace), mas só agora apresentado oficialmente.

Na cerimónia, que teve lugar nas instalações da CCI de Strasbourg, estiveram presentes o Deputado Carlos Gonçalves, o Eurodeputado José Inácio Faria, o Cônsul Geral de Portugal em Strasbourg Miguel Rita, o Alto-funcionário do Conselho da Europa José Mendes Bota, a Conselheira Municipal de Strasbourg Fernanda Gabriel, o Presidente da Câmara Municipal de Amares Manuel Moreira, e o Vice-Presidente Isidro Araújo, assim como Carlos Vinhas Pereira, o Presidente da Câmara de comércio e indústria franco-portuguesa (CCIFP), e dirigentes da CCI de Strasbourg.

O PCE é presidido por Rui Ribeiro Barata, que também é o Conselheiro das Comunidades Portuguesas eleito naquela área consular, membro da associação Cívica e da Associação Cultural Portuguesa de Strasbourg.

«Podem aderir a esta associação não só os empresários, mas também todas as pessoas empreendedoras nas mais diversas áreas» explica Rui Barata ao LusoJornal. «Eu não sou empresário, mas sou empreendedor, nomeadamente a nível associativo».



A associação começou a sua atividade com cerca de 20 aderentes, «mas ontem aderiram de imediato mais alguns» afirma Rui Barata ao LusoJornal.

A associação tem objetivos principais, segundo o seu Presidente: «federar, juntar, pôr os empresários portugueses e lusófonos em geral, em contacto, a fazerem negócio juntos» explica ao LusoJornal. «E dar-lhes informações sobre Portugal, sobre como investir em Portugal». Para tal, Rui Barata diz que vai contar com os parceiros da associação. «Já estabelecemos contactos com várias associações empresariais em Portugal e agora assinámos um Protocolo de acordo com a CCIFP».

Carlos Vinhas Pereira, o Presidente da Câmara de comércio e indústria franco-portuguesa (CCIFP) tinha explicado ao LusoJornal que a estratégia de desenvolvimento da CCIFP passa pelo desenvolvimento de Delegações regionais, como por exemplo a do PACA, e em zonas onde houver associações de empresários, assinar Protocolos de Acordo, como é o caso em Strasbourg.

«O principal objetivo deste Protocolo é de podermos interagir com esta nova estrutura associativa empresarial e estarmos assim presentes na região do Grand Est, acompanhar os aderentes deste novo clube de empresários nos investimentos em Portugal e

encaminhar investimento português para esta grande região» explica ao LusoJornal Carlos Vinhas Pereira. «Cerca de 50 empresários estiveram presentes e muitos deles mostraram interesse em se tornar membros das duas entidades, a CCIFP e o PCE». O terceiro objetivo da associação é «criar pontes e laços entre os territórios» como já aconteceu neste evento, em que Rui Barata, que é originário de Amares, convidou o município de Amares a apresetar as potencialidades do concelho, nomeadamente os Vinhos Verdes.

Rui Ribeiro Barata diz que na Alsace, existem cerca de mil empresas «portuguesas», «sendo que algumas são pequenas e médias empresas, micro-empresas e até auto-entrepreneurs». A associação Portugal Club Europe passa a ser a primeira rede estruturada de empresários portugueses e lusófonos na Alsace e no Grand-Est da França.

Rui Ribeiro Barata quer organizar eventos regulares, «que podem ser pequenos almoços ou almoços temáticos, em que cada membro apresenta um tema, ou em que convidamos intervenientes exteriores».

A primeira Assembleia Geral ordinária da associação vai ter lugar em outubro-novembro deste ano.

www.portugal-club.eu

João Pina apoia ações escolares na Guarda



O empresário João Pina, radicado na região parisiense, esteve na semana passada, por uma breve passagem, na Guarda, onde assinou um «Acordo de Parceria no Âmbito do Ensino Escolar» com o Estabelecimento Prisional da Guarda - Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

O «Prémio João Pina», num total de 10, será entregue aos melhores formandos dos Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), de nível Básico, das Turmas EFA B1, EFA B3-A1, EFA B3-A2, EFA B3-C1; e aos alunos do Ensino Secundário Recorrente (10º, 11º e 12º anos) e do Ensino Superior (Cursos Técnicos Superiores Profissionais e Licenciaturas), dois prémios de assiduidade, um para os Cursos EFA e outro para o Ensino Secundário. A cerimónia de entrega destes prémios de mérito decorre no final do presente ano letivo.

«Um momento com muito significado para mim, tenho visitado com frequência estes seres humanos tão especiais e sei que será um estímulo para eles», refere o empresário.

Para além da assinatura deste Acordo, João Pina reuniu com o Presidente da Câmara Municipal da Guarda, Álvaro Amaro, mas por enquanto o empresário preferiu não dar a conhecer os resultados desta reunião. «Porém, uma certeza, a Guarda ficará a ganhar».

No pouco tempo que restou, João Pina dirigiu uma palavra de agradecimento ao conhecido arquiteto António Saraiva, natural da Guarda e que leva a marca «Guarda e Portugal» para fora do país. Este arquiteto venceu recentemente o projeto para a construção de um monumento alusivo aos veteranos luso-americanos das guerras americanas, em Newark, que será inaugurado no final deste mês.

No passado mês de março, aquando da assinatura do primeiro Protocolo existente entre duas associações (uma portuguesa e outra francesa), que acolhem cidadãos portadores de deficiência - a «CERCIG» e a «Esat la Roserie», este arquiteto fez questão de apresentar o Cônsul Geral de Portugal em Paris, com um livro da sua autoria e alusivo à Guarda. Este ato de «geminção» entre estas duas associações também só foi possível graças ao empenho e dedicação de João Pina.

Nadia Duarte, une créatrice de mode audacieuse

Par Lia Gomes

Nadia Duarte est une jeune portugaise de 32 ans, née au Portugal, qui habite Paris, et qui a décidé de réaliser son rêve: celui de devenir styliste - créatrice de mode.

Nadia a décidé de créer sa marque «Nad Duarte» au début de l'année 2013 et réalise son tout premier défilé intitulé «Audacieuse» en juillet 2013, à Paris, lors de l'évènement «Luso Fashion» organisé par Bakana Events, suscitant les premières réactions avec ses créations asymétriques et glamour et notamment envers ses robes en dentelles entièrement transparentes, dévoilant ainsi le corps de la femme avec un concept: «ne cacher juste ce qu'il faut», cachant simplement la poitrine et les parties les plus intimes de la femme.

L'année suivante, une de ses créations en dentelle se verra ainsi monter les marches du Festival de Cannes 2014, inspirant directement ensuite plusieurs et diverses maisons de couture et créateurs.

Toujours en 2014, Nadia participe à l'émission «Les Reines du Shopping» et remporte le titre avec le thème «élégante en masculin-féminin».

Nadia, tu as fait plusieurs défilés?

Oui, plusieurs défilés ont été réalisés: en juillet 2013 à la Salle Erard (Paris), en mars 2014 à l'Aristo (Paris) et Place Marquês de Pombal, à Lisboa, au Portugal, en juin 2014 à l'Elysée Lounge (Paris), en mars 2015 pour un



évènement au Salon de la Femme, au Parc Floral de Paris et en novembre 2015 au Tibães Fashion, à Braga, également au Portugal.

Tu tricotes, tu fais des bijoux, tu dessines, tu couds?

Je ne m'arrête pas à la partie «vêtement», c'est mon activité principale, mais en tant que créateur, j'aime pouvoir toucher à tout et créer tout ce qui pourrait se créer à partir de mon imagination. Je dessine énormément, je couds (que ce soit à la machine ou à la main), je tricote, je réalise également pas mal de bijoux et dernièrement des sacs! Des sacs en forme de cœur que je réalise depuis début 2017 et qui sont sortis en mars 2018.

Est-ce qu'il faut bien savoir dessiner pour être styliste?

En tant que styliste, il n'est pas forcément obligatoire de savoir dessiner. Il faut surtout savoir répondre à la demande du client suivant son style, l'allure qu'il souhaite avoir et dans quels tenues il se sentira le plus à l'aise, notamment savoir harmoniser, marier les couleurs, les matières en fonction du style demandé et de la morphologie du client. Après, en tant que créateur, il est nécessairement obligatoire de savoir dessiner et de mettre à plat ce qui se passe dans l'imagination, surtout si vous avez une équipe de réalisation. Personnellement en tant que créatrice et travaillant majoritairement seule, je dessine énormément afin de ne pas oublier ce que j'imagine. Mais, bien souvent aussi, quand l'idée est trop forte dans la tête, je la réalise directement sans passer forcément par le dessin.

Tu as un atelier où tu fabriques tout ça?

J'ai démarré dans mon salon, dans mon appartement, à Rueil-Malmaison, que j'ai transformé, pour ainsi dire, en atelier: les bustes de couture, les portants et les tissus ont tous pris place! Et c'est également dans mon salon que j'accueillais mes premiers clients, pendant 3 ans. Ensuite, j'ai pu récupérer un espace situé à Chartres qui a été aménagé et transformé en atelier et dernièrement, un autre atelier est en cours d'installation au Portugal. Je réalise la majorité de mes créations à Chartres, mais je continue encore d'accueillir mes clients à Rueil-Malmaison.

D'où vient cette passion pour la mode?

Depuis environ l'âge de 4 ans. Je dessinais beaucoup avec ma grand-mère paternelle et ma maman. Et un jour, en regardant Cendrillon, j'avais été admirée par sa robe scintillante et là j'ai commencé à imaginer et à réaliser énormément de croquis avec des tas de robes et des tas de tenues différentes. J'ai appris ensuite la couture et le tricot avec ma grand-mère maternelle, je réalisais des habits pour mes poupées et mes Barbies. Puis, vers 12 ans, je piquais les chemises de mon père et je les transformais suivant mon imagination, à mon image.

Lire toute l'interview sur: <https://lusojournal.com>

Arte urbana “Made in Portugal” vai ser mostrada em Paris

A exposição “Made in Portugal”, na GCA Gallery, em Paris, vai juntar obras de Akacorleone, Mário Belém, Gonçalo Mar, MrDheo, Nuno Viegas, Pantónio e João Samina, de 09 de junho a 14 de julho.

A exposição vai ser inaugurada a 08 de junho, às 18h00, na presença de Akacorleone e Samina, e pretende “apresentar uma parte da cena de arte urbana portuguesa”, disse à Lusa Geoffroy Jossaume, Diretor da GCA Gallery.

“Apresentamos um painel de sete artistas com obras muito ricas e variadas, tanto ao nível estético quanto em termos de técnicas. Portugal é um dos melhores lugares de ‘street art’ no mundo, é uma cena muito dinâmica, há muitas paredes pintadas e há uma enorme energia em Lisboa e no Porto”, descreveu Geoffroy Jossaume.

O galerista, que entre dezembro e janeiro fez uma exposição individual do português Ivo Santos (Smile), explicou que “a arte urbana funciona muito bem em França, particularmente em Paris”, mas que, apesar de haver “muitos artistas e galerias em Paris, só poucas galerias mostram artistas estrangeiros”.

Geoffroy Jossaume tem, por isso, apostado “na cena europeia” e fez duas mostras coletivas de arte urbana “Made in France” e “Made in Italie”, na galeria que tem em Nice, e agora quer mostrar a arte urbana portuguesa, na sua galeria de Paris, com “cerca de 20 obras de ateliê”.

“Quero mostrar os Portugueses ao público parisiense porque, ainda que a arte urbana seja um movimento instantâneo e internacional, e que a informação circule imediatamente na internet, as obras não circulam tão facilmente. O meu trabalho é mostrar o que fazem estes artistas além das paredes, ou seja, mostrar as obras de ateliê”, explicou.

A mostra integra o programa da segunda edição da “Lusoscopie”, uma iniciativa do Centro Cultural Camões em Paris, que promoveu exposições quase paralelas de artistas como Paulo Nozolino, Carlos No, Borderlovers (Ivo Bassanti et Pedro Amaral), José Loureiro, Alexandra de Pinho e Adriana Molder.

Novo título de Raymond Bernard editado em português

A obra «Encontro Secreto em Roma», de Raymond Bernard, foi publicada em Portugal, pela Zéfiro, onde relata os seus encontros em Roma e, em particular, na basílica de São Nilo, em Grottaferrata, onde «foi recebido na tradição templária».

➡ «Témoigner pour rompre le silence»

Présentation de «Exílios.2» à la Librairie Portugaise et Brésilienne

Par Dominique Stoenesco

Le vendredi 18 mai a eu lieu à la Librairie Portugaise et Brésilienne, à Paris, la présentation du livre «Exílios.2», en présence d'exilés et de déserteurs de la guerre coloniale en Afrique et du régime salazariste.

Après la parution du premier volume, «Exílios», en 2016, ce deuxième volume, publié également par l'AEP61-74 (Association des Exilés Politiques Portugais - Lisbonne), réunit 29 autres témoignages de femmes et d'hommes qui ont vécu divers types d'exils, à travers des parcours mouvementés qui ont souvent bouleversé définitivement leurs vies.

La somme de ces témoignages individuels constitue indéniablement la force d'une mémoire collective, contribuant ainsi à l'écriture d'une histoire au présent. Par ailleurs, l'intérêt de «Exílios.2» réside également dans le fait que cet ouvrage permet, comme le souligne Miguel Cardina dans la préface, d'aborder une question, celle de la désertion, qui aujourd'hui encore est «polémique et presque taboue» au Portugal. «Sans avoir la prétention - nous dit Miguel Cardina - de présenter un tableau représentatif de tous les parcours de désertion, les voix qui témoignent dans ce livre nous obligent, en brisant le silence, à considérer la désertion comme partie intégrante de l'histoire de la résistance face à la dictature et à la guerre coloniale».



📷 LusoJornal / Dominique Stoenesco

La présentation de «Exílios.2», dont le sous-titre est précisément «Testemunhos de exilados e desertores portugueses (1961-1974)», a été faite par Fernando Cardoso, Président de l'AEP61-74 et Coordinateur de la publication, et par Sónia Ferreira, Anthropologue à l'Université de Paris Diderot.

Dans son exposé, qui permettait de contextualiser le thème et qui invitait le public à une réflexion plus large, Sónia Ferreira a abordé les points suivants: le silence, l'oubli et l'inscription de l'exil dans l'histoire; comment étu-

dier l'exil, au passé ou au présent; les questions de genre; la construction des réseaux, le militantisme et la solidarité.

Ces deux interventions ont été suivies d'un débat très riche et animé au cours duquel plusieurs exilés et déserteurs ont pu évoquer leurs parcours et expliquer les raisons pour lesquelles ils témoignent aujourd'hui.

De la diversité de leurs témoignages et de leurs différentes positions politiques concernant ces questions, il en ressort toutefois quelques points communs: l'engagement total contre la

guerre coloniale, la volonté de rompre le silence actuel sur ces thèmes et de les insérer dans le débat politique général.

Enfin, les échanges autour de «Exílios.2» ont montré aussi combien la reconstruction de la mémoire est un long cheminement semé d'interrogations, d'écueils et de tourments. Si, d'une part, la mémoire a besoin de temps pour se libérer, en l'occurrence environ cinquante ans, d'autre part, plus ce temps est long plus les souvenirs s'estompent... D'où tout l'intérêt de cette publication.

Escritor Tiago Salazar convidado do Festival du Premier Roman de Chambéry

O escritor Tiago Salazar representou Portugal no 31º Festival do Primeiro Romance de Chambéry, em França. Tiago Salazar, autor de “A Escada de Istambul” (2016), participou no painel de debate «Um Fresco Histórico», com o escritor congolês Wilfried N'Sondé, moderado pelo crítico literário Yann Nicol, programador da festa do Livro, em Bron, nos arredores de Lyon. Este debate em Chambéry, decorreu no Hotel de Cordon.

O Cônsul-Geral de Portugal em Lyon, Luís Brito Câmara, participou numa outra ação do Festival, no sábado 26 de maio, acompanhado da Leitora do Instituto Camões, Luísa Dutra, e de representantes da Delegação de Paris da Fundação Calouste Gulbenkian. Tiago Salazar participou na mesa redonda sobre «As Personagens que Habitam nas Páginas dos Livros», com Sébastien Spitzer, autor francês de 48 anos, que este ano publicou o seu primeiro romance «Ces rêves qu'on piétine», e Manuel Benguigui, nascido há 42 anos em Paris, que publicou o seu primeiro romance em 2016, «Un Collectionneur Allemand», moderada por Albert Fachler. O encontro permitiu ouvir o jovem escritor a explicar a sua obra, designadamente o livro «A escadaria de Istambul», traduzido para francês, as suas influências e ideias sobre a literatura e o mundo, sempre enriqueci-



dos pela sua identidade e nacionalidade portuguesa bem como pela sua experiência como viajante e jornalista. O Cônsul Geral felicitou o escritor pela sua obra literária ficcional que cobre numerosos temas de interesse como a história e a religião e que revelam um trabalho de investigação significativo por parte do autor. Referiu a importância da sua visita a Chambéry que vem revelar e confirmar mais uma vez o talento de cidadãos portugueses nas mais diversas áreas e as numero-

sas ligações históricas e culturais entre Portugal e a França, bem como de personalidades famosas que contribuíram para enriquecer ambos os países em termos culturais, como foi o caso de Calouste Gulbenkian, por exemplo, da pintora Vieira da Silva, de Manuel Cargaleiro, Almada Negreiros,....

Luís Brito Câmara sublinhou a importância da literatura portuguesa em França, cada vez mais presente e conhecida, nomeadamente numa altura

em que as relações culturais entre ambos os países se reforçam e em que a Comunidade francesa em Portugal aumenta e em que o interesse dos cidadãos por Portugal é evidente. Este Festival deu a conhecer ao mundo, entre outros, o escritor francês Michel Houellebecq, e «é a única manifestação literária, em França, que tem como principal objetivo a descoberta e promoção de primeiros romances francófonos e europeus através da leitura». Aliás o LusoJornal já foi parceiro do Festival, no ano em que, pela primeira vez, decidiu convidar jovens autores portugueses.

Tiago Salazar nasceu em Lisboa em 1972 e é licenciado em Relações Internacionais, tendo estudado Guião e Dramaturgia, em Londres. Doutorando em Turismo, no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, o autor está a preparar uma tese sobre «A Volta ao Mundo», de Ferreira de Castro.

É jornalista ‘freelancer’ desde 2001. Em 2010, foi Bolseiro da Fundação Luso-Americana, em Washington.

«A Escada de Istambul» é uma história sobre uma família judia, endinheirada, que fugiu à Inquisição, viajando pela Europa até se instalar em Istambul, na Turquia, onde fundou um dos primeiros bancos da cidade, ficando conhecida como os «Rothschild do Oriente».

➔ A 20 de junho nos cinemas franceses

Documentário “Kuzola” vai estreiar-se em França

Por Carina Branco, Lusa

O documentário “Kuzola, le Chant des Racines”, que acompanha as gravações do primeiro álbum de Lúcia de Carvalho entre França, Portugal, Brasil e Angola, vai estreiar-se nos cinemas franceses a 20 de junho.

O filme retrata as viagens para a criação do disco “Kuzola”, uma mistura de semba angolano, samba brasileiro, funk, soul e rock, que juntou cerca de 40 músicos em três continentes, como os angolanos Banda Maravilha e Irina Vasconcelos, os brasileiros Mário Pam do grupo Ilê Aiyê e Lazzo Matumbi, o cubano Alexey Martinez e o francês Robert Dam, entre outros. Além de uma viagem musical, o documentário retrata uma busca das raízes da cantora franco-angolana, de 37 anos, que nasceu em Luanda, viveu em Almada entre os seis e os 12 anos e foi adotada, depois, por uma família francesa da região da Alsácia, onde descobriu o Brasil num grupo de músicas tradicionais brasileiras.

“Kuzola - O Canto das Raízes” é mesmo essa mistura: o ‘canto’ em relação à minha profissão de cantora e ‘raízes’ pelo facto de ter voltado mesmo para Angola e de ter tanto essa mistura entre estar aqui em França, fazer música brasileira, saber que nasci em Angola. Tinha um momento em que eu não sabia bem quem eu era”, contou à Lusa Lúcia de Carvalho.

A base do disco e do documentário foi feita em Strasbourg, com a voz de Lúcia de Carvalho e a guitarra de Edouard Heilbronn, aos quais se foram juntando, ao longo das viagens, vários instrumentos, ritmos e vozes diferentes em Salvador da Baía, Recife e Luanda, com uma passagem por Portugal para visitar a aldeia de crianças onde a cantora cresceu.

A viagem ajudou Lúcia de Carvalho a compreender-se como “uma mestiça-



gem”, em que as “raízes são angolanas, o caule é Portugal, a flor é o Brasil e o chão é a França, o solo fértil que permite a flor crescer”.

O disco “Kuzola”, uma palavra que significa amar em quimbundo (idioma banto de Angola), reflete essa mestiçagem, por exemplo, nas músicas “O que eu quero”, do angolano André

Mingas, onde o semba se mistura com o samba e “De sol, de sol” em que o maracatu afro-brasileiro de Recife se cruza com “algo mais funk da cultura ocidental”.

Para Lúcia de Carvalho, o álbum “reflete algo para além da música”, tem “vibrações kuzola” e “uma energia boa”, que também espelha os lugares

visitados ao longo de 2015 e “a alma de cada pessoa com quem” tocaram. O disco foi lançado em Portugal em junho do ano passado e o próximo passo é conseguir distribuição do filme em Portugal, no Brasil e Angola, disse à Lusa o realizador do documentário Hugo Bachelet. “Gostaríamos muito que o filme fosse lançado nos locais onde filmámos porque aí é muito interessante descobrir a Lúcia, uma angolana que regressa a casa, que nunca esqueceu o país de origem apesar de se ter tornado francesa e de coabitar com duas línguas e duas culturas”, afirmou o realizador de 33 anos.

Para já, o objetivo do filme é “dar a conhecer” Lúcia de Carvalho em França “porque quando se canta em português em França, chega-se ao público lusófono mas é complicado atingir o grande público”, acrescentou Hugo Bachelet, sublinhando que o documentário vai estar em antestreia em várias salas francesas e vai ser seguido de ‘showcases’ de Lúcia de Carvalho.

Em 2017, “Kuzola - Le Chant des Racines” venceu o prémio Melhor Documentário e Melhor Filme Estrangeiro no Festival do Filme Independente de Estocolmo e foi selecionado para o Cinema Alfama Lisbon International Film Awards.

O documentário passou, também, em vários festivais de cinema nos Estados Unidos, Suécia, França e Grécia, tendo sido seguido de ‘showcases’ de Lúcia de Carvalho.

Em 2016, Lúcia de Carvalho venceu o “Prix Cap Magellan/Mikado - Trace Toca da melhor revelação artística” na Noite de Gala oferecida pela autarquia parisiense à Comunidade portuguesa, na Mairie de Paris.

O documentário “Kuzola - Le Chant des Racines” é produzido pela Couac Productions e vai ser distribuído pela Ligne 7.

Quadro de Maria Helena Vieira da Silva em leilão em Paris

O quadro “Red Houses”, da pintora portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, vai a leilão esta quarta-feira, em Paris, com um valor estimado entre os 100 mil e os 150 mil euros, anunciou a casa Sotheby’s.

Com data de 1963, “Red Houses” é o 14º lote do leilão de arte contemporânea deste dia 06, da Sotheby’s Paris, e surge a par de obras de artistas como Jean Dubuffet, Gerhard Richter, Antoni Tàpies e Serge Poliakoff.

“Red Houses” é uma das têmperas sobre tela apresentadas pela pintora portuguesa, em 1963, nas galerias Jeanne-Bucher, em Paris, Knoedler, em Nova Iorque, e na Phillips Collection, em Washington.

Com 37 centímetros de largura por 54 centímetros de comprimento, este quadro foi originalmente vendido pela galeria nova-iorquina, e seguiu para a Galeria Albert Loeb, também representada na capital francesa, onde um colecionador de Milão o adquiriu, de acordo com a genealogia agora apresentada pela leiloeira, que não indica alguma exposição pública da obra nem a passagem por Portugal.

O atual proprietário, um colecionador privado suíço, segundo os mesmos dados, comprou o quadro em 1999, através da galeria Applicat-Prazan, na capital francesa.

Na obra de Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), “Red Houses” é contemporâneo de “Estela” (1964), outra têmpera, adquirida pelo Centro Georges Pompidou, em Paris, e óleos como “La Mer” (1961), “Au fur et à mesure” (1965) e “L’Esplanade” (1967), de maiores dimensões, que estão entre as seis telas adquiridas pelo Estado português, no ano passado, por 5,6 milhões de euros, e que fazem agora parte da coleção patente no Museu Arpad Szénes-Vieira da Silva.

No leilão de arte contemporânea de 06 de dezembro de 2017, a Sotheby’s Paris vendeu outro quadro da pintora, “Rue de la Glacière”, um óleo sobre tela de 1955, por 309 mil euros.

No passado mês de março, o óleo de Vieira da Silva “L’Incendie” atingiu o valor de 2,29 milhões de euros, num leilão da Christie’s, em Londres. Trata-se de um dos quadros emblemáticos da artista, feito em 1944, durante o exílio no Brasil, e que fez parte da coleção Jorge de Brito.

Alunos de Saint Germain-en-Laye e de Saint Cloud nos passos de Miguel Torga

No livro Portugal, o escritor Miguel Torga convida o leitor para uma viagem através do seu «reino maravilhoso», ou seja, Trás-os-Montes e o vale do rio Douro. Ora, criar um diálogo entre viagem, literatura e imagem é precisamente o objetivo da exposição fotográfica de Dominique Stoenesco, ex-professor de português do ensino secundário público, intitulada «O vale do rio Douro, nos passos de Miguel Torga».

A exposição dedica um espaço importante aos 24 painéis de azulejos da estação de comboio do Pinhão, que evocam a terra, a labuta do homem e a beleza das paisagens transmontanas.

Foi a partir deste trabalho que, no passado dia 18 de maio, os alunos de português das turmas de Terminale do Liceu Internacional de Saint Germain-en-Laye e do Liceu Alexandre Dumas, de Saint Cloud, puderam beneficiar de uma atividade cultural e pedagó-



gica em torno da obra de Miguel Torga, um autor que faz parte do programa de literatura portuguesa do OIB (Bac - option internationale).

A atividade realizou-se também no âmbito do projeto «Ler Consigo», do

Instituto Camões, que a professora de português, Carla Lourenço, desenvolve nestes dois estabelecimentos e que pretende ajudar a desenvolver nos alunos o gosto pela leitura.

Durante as suas intervenções, se-

guindo os passos de Miguel Torga entre Miranda do Douro e o Porto («Começa em Miranda do Douro e acaba na Foz, este calvário. Começa em pedra e água, e acaba em pedra e água»), Dominique Stoenesco começou por mostrar o mapa da região e depois projetou algumas imagens, ilustrando a biografia do autor (nascido em São Martinho de Anta) e mostrando as paisagens, os vinhedos, a vida local e as tradições.

Em paralelo e em complemento às imagens, os alunos leram, em voz alta e de forma expressiva, alguns excertos do livro Portugal.

Abordar a obra de Miguel Torga, excepcional tanto pela sua dimensão quanto pela sua diversidade, através deste diálogo harmonioso entre o texto e a imagem, constitui sem dúvida um duplo interesse, pedagógico e cultural e constituiu uma oportunidade única para os alunos destas duas Secções internacionais.

ILUSO
JORNAL

<https://lusojournal.com>

Bernard Bouger, nouvel entraîneur de Lusitanos de Saint Maur

Par Eric Mendes

Devenu le nouvel entraîneur des Lusitanos de Saint-Maur pour la saison à venir, Bernard Bouger arrive avec l'ambition de refaire revivre ses meilleures années au Stade Chéron.

Comment accueillez-vous votre arrivée comme entraîneur de l'équipe première des Lusitanos?

Je suis très heureux de m'investir pleinement dans cette nouvelle aventure avec toutes les personnes déjà présentes au club. J'ai eu l'occasion de les rencontrer et de les découvrir au fur et à mesure des négociations. J'ai vu des personnes extraordinaires où tout est réuni pour mener à bien un projet ambitieux sur les années à venir.

Peut-on parler de coup de cœur?

Même si je les connais depuis de nombreuses années, notamment en 2006, quand on les jouait en DH, je peux dire que c'est un coup de cœur. J'ai toujours eu en tête une ferveur, une ambiance, une odeur (sourire), notamment à Chéron, quand je pensais aux Lusitanos. Comme on dit dans le jargon, ça pue le football aux Lusitanos. J'ai eu l'occasion de voir de nombreux matchs de St Maur. Notamment au Stade Chéron qui a été réouvert. Pour cela, on peut féliciter la municipalité pour le courage et tout ce qui a été mis en œuvre pour progresser. C'est un magnifique outil de travail pour mener à bien le projet et avoir des ambitions dans le football francilien.

Lire toute l'interview sur: <https://lusojournal.com>

Coordenação das coletividades portuguesas de França (CCPF)

Fórum CCPF no Consulado de Paris

Por Luísa Semedo

No sábado 26 de maio, teve lugar no Consulado Geral de Portugal em Paris, o 3º Fórum CCPF (Coordenação das Coletividades Portuguesas de França) das Associações Lusófonas de França. Estiveram presentes cerca de duas dezenas de associações assim que alguns dos parceiros do evento.

O objetivo principal do Fórum CCPF é o de possibilitar um espaço aberto ao público a fim de dinamizar a rede associativa lusófona em França, permitindo a cada associação de apresentar e de promover as suas atividades, de incentivar a adesão de novos membros ou voluntária(o)s e de pôr em contacto as associações para partilha de experiências e criação de projetos comuns. O Fórum era gratuito tanto para o público como para as associações.

As associações presentes no Fórum CCPF abrangiam vários países da lusofonia, como o Brasil, Angola ou Cabo Verde e várias temáticas como a cidadania, juventude, língua portuguesa, cultura, música, memória e solidariedade.



LusoJornal / Luísa Semedo

O 3º Fórum CCPF foi ainda um momento de aprendizagem com vários ateliers de formação tais como «Como falar em público» e «Como criar um projeto associativo», assegurados pela Presidente Marie-Hélène Euvrard, e ainda o atelier «Como financiar um projeto» assegurado pelo Adido Social no Consulado Geral de Portugal em Paris, Joaquim do Rosário e ainda pelo

Adjunto ao Cônsul Geral, Miguel Costa. A Presidente da CCPF mostrou-se satisfeita com o resultado. «Os participantes ficaram entusiasmados com as formações e gostariam que estas formações continuassem e essa é precisamente uma das missões da CCPF». Para além dos vários stands associativos e dos parceiros, o 3º Fórum CCPF contou com um momento musical pro-

porcionado pela(o)s aluna(o)s da associação Academia do Fado, presidida por Valérie do Carmo.

A Presidente Marie-Hélène Euvrard fez um apelo à «conjunção de sinergias», reiterando o lema da CCPF - «Juntos somos mais fortes» - e mostrou a disponibilidade da Coordenação para a ajuda à criação de projetos por parte de todas as associações como por exemplo na organização de «estadias linguísticas» em Portugal que a CCPF já organiza há alguns anos com sucesso. E deu encontro às associações para dia 13 de outubro, na Mairie de Paris, dia do Encontro Nacional organizado pelo 15º ano consecutivo.

A CCPF é uma coordenação de associações e coletividades que existe há mais de 30 anos com o objetivo de promover e desenvolver a rede associativa, e de permitir uma consciencialização das associações da importância das suas atividades a nível social, cultural e cívico. Valorizando a diversidade cultural, a CCPF desenvolve as suas atividades em torno de cinco eixos principais: social, cultural, juventude, cidadania e lusofonia.

Hérault: Rancho Tradições do Minho comemorou 9 anos de existência

Por Tony Inácio

A Associação Portuguesa Folclórica do Hérault festejou no passado dia 26 de maio, o seu 9º aniversário. O evento teve lugar na Sala polivalente de Fabregues, que foi decorada propositadamente para o aniversário.

Depois do discurso de boas-vindas da Presidente Fátima Dantas, o Presidente-Fundador da APFH, José Aguiar Lima, também proferiu um discurso carregado de emoção e com uma lágrima no canto do olho, para agradecer todos os presentes e todos aqueles que integram a associação durante estes anos.

Também estava presente Nathalie Pinheiro, a Cônsul Honorária de Portugal em Montpellier.



LusoJornal / Tony Inácio

A Feijoada Portuguesa parece ter agradado a todos os presentes e a festa foi animada pelo grupo musical «Toka e Dança» que veio propo-

sitadamente de Portugal para tocar e para fazer dançar a sala. Já a noite ia longa quando a festa foi interrompida para chamar ao

palco todas as mães presentes na sala. Para marcar o Dia da Mãe, todas receberam das mãos das crianças presentes, uma rosa vermelha. A pequena Carla Vieira, membro da associação, cantou o tema «Mãe Querida, Mãe Querida», que emocionou os presentes. Aliás, a canção terminou com uma enorme ovação.

Um enorme bolo de aniversário, patrocinado pela CCR7 foi distribuído pelos presentes.

O baile retomou até de madrugada e a Presidente da associação, Fátima Dantas, aproveitou para convidar todos os presentes para o 5º Festival de folclore do Rancho Tradições do Minho, que vai ter lugar no próximo dia 1 de julho, no Grand Jardin de Villeneuve-lès-Maguelonne.

SAMEDI 9 JUIN 19h30

GROSLAY PARC ROSY VARTE
18, rue Gabriel Fauveau - 95410
L'Association Mogadouro No Coração organise

FÊTE de la GRILLADE

Avec la présence de M. le Maire de Groslay et ses élus, ainsi que M. le Maire de Mogadouro et ses élus

PORCO NO ESPETO Bastien
Animation musicale

Sons do Minho
venus du Portugal

DIMANCHE 10 10h00

Procession et Messe accompagnées par

Eglise Saint-Martin,
Départ de la procession en l'honneur de "Nossa Senhora do Caminho" (Notre Dame du Chemin)

Messe en plein air (Parc Rosy Varte)
célébrée par **Père Paulo et Père Nelson** (venus de Mogadouro)

Déjeuner : Morue, Sardines et Poulet grillés

Animation Musicale
Cordas Soltas
Reis dos Bombos
Bombos de Groslay

Foire aux produits artisanaux de la région de Mogadouro

Banda Filarmónica Dos Bombeiros Voluntários de Mogadouro

Bar et Spécialités Portugaises

Renseignements : 32 01 • 06 12 13 36 93
le soutien de la ville de Groslay

FUNERÁRIAS FERNANDO ALVES

Uma casa funerária familiar com raízes fundas na comunidade

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

- 4 agências funerárias ao seu dispôr em Paris e região parisiense
- Paris, Arredores, Província, estrangeiro
- Tratamento da documentação
- Facilidades de pagamento

Nós temos sido escolhidos por famílias que têm morado cá durante gerações - pessoas como você que têm vindo a conhecer e a confiar em nós ao longo dos anos. Os nossos funcionários tratam de si como se fossem familiares. Nós compreendemos a sua devoção à igreja católica e estamos prontos a ajudar na preparação de uma missa para celebrar a sua fé na vida eterna. As nossas raízes continuam aqui nesta comunidade e nós continuaremos a ser ... "a nossa família a tomar conta da sua".

24 h / 24 h
Tel. : 01 46 36 39 31
Fax : 01 46 36 97 46
Port. : 06 07 78 72 78
www.alvesefg.com
alves7@wanadoo.fr

18, rue Belgrand - 75020 Paris
(Métro Gambetta - sortie Porte de Bagnollet)
(Face Hôpital Tenon)

➔ Em Montluel (01)

Festa em honra de N. Sra de Fátima terminou festividades marianas na região de Lyon

Por Jorge Campos

A Associação Portuguesa de Montluel (01) organizou nos dias 26 e 27 de maio, a sua Festa em honra de Nossa Senhora de Fátima, com uma vertente religiosa, mas também com uma vertente profana e popular, que reuniu centenas de pessoas vindas mesmo da Suíça vizinha e da Loire.

O Pároco da cidade de Montluel, Patrick de Varax, acolheu na sua igreja paroquial de Notre Dame du Marais de Montluel, a Comunidade portuguesa e francesa que, em união, honraram Nossa Senhora de Fátima.

No sábado 26, houve uma missa, seguida da procissão de velas nas ruas adjacentes à igreja, animada pelo Padre José Azevedo e presidida pelo Padre Patrick de Varax.

Pela tarde de sábado, o Padre José Azevedo, vindo de Lisboa, da Congregação Vicentina, a convite da associação local, acolheu em confissão a Comunidade católica e participou à noite, na Eucaristia e também no recitar do Terço durante a procissão de



LusoJornal / Jorge Campos

velas.

No domingo 27, às 13h30 teve início a celebração da Eucaristia, e no final seguiu-se novamente uma procissão com os andores da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, do Santo Padre de Ars, Jean Marie Vianney, e do Menino Jesus, nas ruas de Montluel, onde grande adjunto de devotos à Virgem Maria marcou presença, cantado e rezando.

Este encontro, e outros que tiveram

lugar na região Auvergne-Rhône-Alpes, fechou as festividades em honra de Nossa Senhora de Fátima nesta região, que tiveram lugar durante o mês de maio.

No final da tarde de domingo, teve lugar um desfile de ranchos folclóricos portugueses, entre eles «Estrelas do Minho» e «Corações do Minho», e também a Fanfarra de Vaulx-en-Velin, que acompanhou a procissão tocando marchas religiosas.

No final, o grupo musical Anjos da Noite, vindos da Suíça, animaram o baile e apresentaram o seu espetáculo pela noite dentro.

Esteve presente nesta homenagem à Virgem Maria, o Conselheiro das Comunidades Portuguesas, Manuel Cardia Lima.

A Associação Portuguesa de Montluel tem nova Direção há quatro anos e é presidida por Filipe Marques. É a associação que organiza a Festa. Maria do Céu Barros teve a seu cargo uma parte da organização, desde o organista ao administrativo, e contatos com as autoridades e polícia local.

«Há mais de três meses que certas coisas tiveram de ser faladas e tratadas. Este ano tínhamos mais figurantes na procissão e isto dá muito trabalho» confiou ao LusoJornal Maria do Céu Barros.

Montluel fica a 25 quilómetros a norte de Lyon, no departamento de Ain (01), onde a Comunidade portuguesa também participa na atividade económica e social desta cidade, desde os anos 70.

Originários de Ferreira de Aves em festa em Valenton



No passado dia 26 de maio, a sala Vasco de Gama abriu de novo as suas portas, desta vez para acolher a festa anual da Associação dos Originários de Ferreira de Aves (AOFA).

Situada no concelho de Satão, distrito de Viseu, Ferreira de Aves é uma freguesia muito marcada pela emigração ao longo das últimas décadas, com especial incidência nas de 60 e 70, tendo sido a região de Paris um dos principais destinos concentrando um número significativo de Ferreira de Avesenses.

Daí ter surgido a ideia de criar uma associação que reúne anualmente mais de três centenas de convivas, incluindo alguns vindos de Portugal, entre os quais o Presidente da Câmara de Satão Paulo Santos, o Vice-Presidente Alexandre Vaz, o Presidente da Junta de Freguesia e Presidente honorário da AOFA, José Luís Vaz e o Padre da Paróquia, Nuno Amador, que mais uma vez esteve presente e celebrou missa pelas 18h00.

Seguiu-se o jantar, a atuação da artista «Nikita» e do grupo «Zaatom», vindo também do concelho de Satão.

Intervieram os autarcas e dirigentes locais, e a festa seguiu com o baile, mais uma vez animado pelo conjunto «Omega», igualmente originário da freguesia em festa.

O Presidente Amândio Martins disse que este foi o 9º ano consecutivo que se realizou a festa, de novo na sala Vasco da Gama, tratando-se de uma organização que envolve mais de 20 elementos, todos voluntários.

Adiantou também que esta festa se justifica porque a Comunidade está muito dispersa na região, e há necessidade de estarem juntos em mais ocasiões, para além da festa anual em agosto, ajudando a manter vivas tradições e costumes.

7º Festival de folclore português animou Saint Maurice-l'Exil

Por Manuel Lopes

No sábado, dia 26 de maio, a Associação Portuguesa de Saint Maurice-l'Exil (38) organizou o seu 7º Festival folclórico que contou com a participação de grupos oriundos de diferentes regiões, como Rosas do Minho de La Chapelle-de-Guinchay, Verde Minho de Ternay, Flores do Norte de Pont-de-Claix, Saudades de Portugal de Voireppe, Juventude Alto Minho de Saint Priest, Danças Modernas de Jassans-Riottier, Corações do Minho de Jons, Os Lusitanos de Saint Martin d'Hères, para além da atuação da Mocidade do Minho de Saint Maurice-l'Exil.

Centenas de espetadores encheram a sala Aragon de Saint Maurice-l'Exil numa grande manifestação da cul-



tura popular portuguesa, em festa que começou pelas 14h00 e onde não faltaram os tradicionais petiscos portugueses que todos os presentes

puderam degustar.

Ao final do dia, o Presidente da Direção M. Albertino mostrava a sua grande satisfação pelo forma orde-

nada como tinham decorrido as atividades, salientando a grande entrega de toda a equipa de voluntários que permitiram proporcionar este dia à Comunidade portuguesa.

Evidenciou igualmente a presença de convidados que abrilhantaram a festa, como Carla Gamboa e Carla Lobão da equipa da Rádio JA, que fizeram a apresentação do evento, de António Rabeca do escritório de representação do Banco Santander Totta em Lyon e da CL Services que deu igualmente o seu apoio à associação.

O Presidente deu ainda nota que este festival tem vindo a crescer de ano para ano, o que mostra a grande dinâmica e capacidade desta Comunidade portuguesa de Saint Maurice-l'Exil.

Livra-vos do mal
que vos fizeram



Dona Isabel

Pura Vidente Portuguesa - 35 anos de experiência

DONS HEREDITÁRIOS

Trata vários casos: Bruxaria, Inveja, Bloqueio, ajuda na saúde, amor etc.
EU TENHO O DOM DE DESTRUIR O MAL QUE LHE FIZERAM

**Dona Isabel faz rezas
na sua presença
contra a magia negra
e problemas pessoais**

RESPONDE PESSOALMENTE A TODOS OS PEDIDOS

PARIS 17, proche Gare St-Lazare (M° Gare St Lazare)
VIRY-CHATILLON (91) 148, av. Général de Gaulle N. 7 (09h/20h)

01 69 05 35 27 ou 06 65 44 29 07

• PUB

GRAND VOYANT MEDIUM

PROFESSEUR LAMINE

CONNU POUR SON EXCELLENT TRAVAIL

Capable de résoudre tous vos problèmes, Amour, Chance, Travail, Aides aux entreprises, Impuissance sexuelle, Commerce, Abandon d'alcool, Tabac, Fécondité, Entente familiale, Examens, Permis de conduire, Attraction clientèle, Timidité, protection, Désenvoûtement, Rencontre et Mariage rapide.

TRAVAIL RAPIDE ET SÉRIEUX

Résultat garanti. Réussite là où les autres ont échoué.

TÉL.: 06.89.62.64.08

• PUB

IYÁ LILA DE YEMANJA

Mãe Lila Yemanja trabalha com buzios, tarot, trabalhos espirituais, abertura de caminhos, limpezas, sorte, saúde,...

**Medium vidente contém
o dom da revelação**

Contacto em Portugal: +351.915.461.370
Contacto em Paris: 07.67.60.78.10



Primeira Comunhão para jovens portugueses de Lyon

No domingo passado, a Comunidade católica portuguesa de Villeurbanne (69), organizou uma cerimónia religiosa para as Primeiras Comunhões de jovens de origem portuguesa na Paróquia da Natividade. O Padre Belenkobga - que celebra para a Comunidade portuguesa - deu o sacramento da Primeira Comunhão aos jovens Sérgio, Nelson, Samuel e Andreia, que frequentam a Catequese em língua portuguesa nesta Paróquia, sob a responsabilidade do Padre Cónego Eric Besson e do Pároco da Natividade, Etienne Guibert, mas também das Catequistas Carla e Babo.



NOVAS CONFIRMAÇÕES



**27 - 28
JUL
2018**

**ESTÁDIO
MUNICIPAL
DE LEIRIA**

SEXTA 27 JUL

**NICKY ROMERO
VINAI
ZATOX
NOISECONTROLLERS
WILL SPARKS
KEVU**

SÁBADO 28 JUL

**BLASTERJAXX
BORGORE
TUJAMO
AUDIOTRICZ**

**Novidades em breve
Dancefloor.pt**



DESIGN BY COMUP AGENCY

COORDENADOR
DE ARTISTAS

PARCEIROS MEDIA



PARCEIROS



PARCEIROS ESTRATÉGICOS



PARCEIROS

